

PRÊMIO PROFESSORES DO BRASIL
compartilhe o desafio de ensinar e aprender



Brasília - junho de 2006

**Departamento de Políticas de
Educação Infantil e do Ensino Fundamental**

Coordenação-Geral de Educação Infantil

Coordenação-Geral de Ensino Fundamental

Prêmio Professores do Brasil 2005. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

152 p. : il.

I. Título. II. Educação Básica.

CDU 37.3 (81)D419p

Sumário

Apresentação 5

Introdução 7

Múltiplas Linguagens: Arte, Música e Matemática

Das formas às fórmulas – Ens. Fundamental 12

Arte Naïf e outras artes na Educação Infantil – Ed. Infantil 23

Cidadania, infância e estética do olhar – Ens. Fundamental 30

Fazendo arte pra contar a história – Ed. Infantil 37

É música no ar... – Ed. Infantil 42

Pluralidade Cultural, Cidadania e História

Intercâmbio cultural: indígenas e não indígenas – Ens. Fundamental 48

A mãe África e seus filhos brasileiros – Ed. Infantil 58

Negro que te quero SER negro – Ens. Fundamental 66

Pregoeiros: conhecendo um pouco dessa história – Ed. Infantil 72

Educação no Trânsito – Ed. Infantil 80

O Lúdico e a Educação Ambiental

Prática leitora através do brinquedo: 1, 2, 3 “lereuei” do pião
ao “beyblade” – Ed. Infantil 86

Para que a vida nos dê flor e frutos – Ens. Fundamental 90

Descobrimo-nos e movimentando-nos – Ed. Infantil 97

Horticultura e meio ambiente vivendo e aprendendo – Ens. Fundamental 101

Desembalando o lixo do bairro Jardim Carapina – Ens. Fundamental 108

Recursos Pedagógicos, Alfabetização e Letramento

Pequenos aprendizes: “pintando o sete”. A arte que ousamos
mostrar – Ed. Infantil 115

O doce gostinho de aprender através de embalagens – Ens. Fundamental 122

Construindo identidades – Ed. Infantil 128

Camisas para ler e aprender – Ens. Fundamental 133

O mundo dos brinquedos e os brinquedos do mundo – Ens. Fundamental 144

CD - Primeiro Seminário Professores do Brasil

Slides das apresentações dos professores premiados
Palestra Dra Léa Tiriba – Escola: espaço de vivência do
que é bom, alegre e , frente à vida, nos faz mais potentes Anexo

Apresentação

O ano de 2005 inaugurou a primeira edição do **Prêmio Professores do Brasil**. Com muito empenho iniciamos uma nova proposta de premiação, conservando os antigos parceiros – Fundação Orsa e Fundação Bunge – e contando ainda com o apoio tradicional de duas importantes entidades, o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e a União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

Preservamos algumas rotinas que faziam parte das antigas premiações, como suas duas etapas de seleção – a estadual e a nacional – e estabelecemos outras, como premiar dez professores autores de experiências no âmbito da Educação Infantil, incluindo creches e pré-escolas e dez professores autores de experiências correspondentes à etapa dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nosso objetivo, ao unificar na atual proposta o “Prêmio Qualidade na Educação Infantil” e “Prêmio Incentivo à Educação Fundamental”, foi unir esforços em prol da idéia de que a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental deve acontecer naturalmente, sem rupturas ou impactos negativos para as crianças durante seu processo educativo. Tal concepção consubstancia-se na compreensão da infância como etapa do desenvolvimento humano, como tempo singular de vida. E é para os professores que atuam nessa etapa da formação humana que o **Prêmio Professores do Brasil** está direcionado.

É com imensa satisfação que o Ministério da Educação apresenta a primeira publicação dessa nova proposta. As vinte experiências premiadas estão reunidas aqui, no documento síntese **Prêmio Professores do Brasil – 2005 – Experiências Premiadas**. Com ele, damos prosseguimento à prática de sistematizar, registrar concepções, revelar fazeres e saberes manifestados no cotidiano de professores e professoras das etapas iniciais da Educação Básica de todo o País.

O MEC homenageia todos os profissionais que participam e atuam nestes segmentos da Educação Básica. Sente-se honrado com a oportunidade de socializar estas experiências junto ao coletivo de educadores, especialistas da área e toda a comunidade educacional. Esta publicação reúne um conjunto de experiências pedagógicas que contribuem para a construção de uma escola inovadora e para o estabelecimento de políticas públicas para formação e aprimoramento profissional.

Secretaria de Educação Básica

Introdução

Caro leitor,

O Departamento de Políticas da Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC) propôs transformar o Prêmio “Qualidade na Educação Infantil”, desenvolvido, desde 1999, pela Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI), em parceria com a Fundação Orsa e União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), bem como o Prêmio “Incentivo à Educação Fundamental”, desenvolvido, desde 1995, pela Coordenação Geral de Ensino Fundamental (COEF), em parceria com a Fundação Bunge e o Conselho de Secretários Estaduais de Educação (CONSED), em uma única atividade. Foi instituído então o **Prêmio Professores do Brasil**.

Esta fusão traduz a concepção de que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (anos iniciais), por atenderem as crianças em sua temporalidade da infância, devam ser desenvolvidos de forma integrada, pois acreditamos ser necessário que a transição ocorra da forma mais natural possível, não provocando rupturas no processo de aprendizagem.

Quando, em 2005, publicamos as experiências vencedoras da edição de 2004 dos antigos “Prêmio Qualidade na Educação Infantil” e “Prêmio Incentivo à Educação Fundamental” tínhamos como objetivo que estas publicações, distribuídas gratuitamente às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e demais entidades vinculadas à área educacional dos diversos estados brasileiros, promovessem reflexões, gerassem debates e novos projetos, enriquecendo a qualidade da ação pedagógica nas primeiras etapas da Educação Básica.

Visando manter este canal de comunicação com o professor, contribuindo com a formação continuada dos docentes, estão aqui publicadas as vinte experiências pedagógicas contempladas com o **Prêmio Professores do Brasil em 2005**.

A publicação **Prêmio Professores do Brasil - 2005 - Experiências Premiadas** mostra que há professores inovando e implementando experiências bem sucedidas em todas as regiões do Brasil, escrevendo a história da Educação Básica em nosso país, história de superação das dificuldades e de envolvimento da comunidade escolar e das famílias no trabalho educativo.

As experiências registradas nos textos que compõem esta publicação foram relatadas no Primeiro Seminário Professores do Brasil e possibilitaram a reflexão, o diálogo e a troca de idéias entre os premiados e os demais presentes. Acredita-

mos que esse tenha sido um momento importante para o debate sobre a prática e sobre a ação pedagógica desenvolvida nessas etapas da Educação Básica.

Organizamos o Seminário, agrupando os trabalhos vencedores em quatro painéis temáticos com cinco experiências em cada um, buscando intercalar as apresentações das professoras dos segmentos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Após cada conjunto de apresentações, realizamos debates como participantes sob a coordenação de um especialista da área da educação.

Nesta publicação foram mantidos os mesmos blocos temáticos apresentados no Seminário:

Painel 1 – Múltiplas Linguagens: Arte, Música e Matemática

- Das formas às fórmulas – Ens. Fundamental
- Arte Naïf e outras artes na Educação Infantil – Ed. Infantil
- Cidadania, infância e estética do olhar – Ens. Fundamental
- Fazendo arte pra contar a história – Ed. Infantil
- É música no ar... – Ed. Infantil

Painel 2 – Pluralidade Cultural, Cidadania e História

- Intercâmbio cultural: indígenas e não indígenas – Ens. Fundamental
- A mãe África e seus filhos brasileiros – Ed. Infantil
- Negro que te quero SER negro – Ens. Fundamental
- Pregoeiros: conhecendo um pouco dessa história – Ed. Infantil
- Educação no trânsito – Ed. Infantil

Painel 3 – O Lúdico e a Educação Ambiental

- Prática leitora através do brinquedo: 1, 2, 3 “lereuei” do pião ao “bey blade” – Ed. Infantil
- Para que a vida nos dê flor e frutos – Ens. Fundamental
- Descobrimo-nos e movimentando-nos – Ed. Infantil
- Horticultura e meio ambiente vivendo e aprendendo – Ens. Fundamental
- Desembalando o lixo do bairro Jardim Carapina – Ens. Fundamental

Painel 4 – Recursos Pedagógicos, Alfabetização e Letramento

- Pequenos aprendizes: ‘pintando o sete’. A arte que ousamos mostrar – Ed. Infantil
- O doce gostinho de aprender através de embalagens – Ens. Fundamental
- Construindo identidades – Ed. Infantil
- Camisas para ler e aprender – Ens. Fundamental
- O mundo dos brinquedos e os brinquedos do mundo – Ens. Fundamental

Paralelamente aos debates, foi realizada uma exposição dos trabalhos vencedores. Para encerrar o Seminário, foi proferida palestra da professora Léa Tiriba, especialista da área de Educação, tendo como tema “Escola: espaço de vivência do que é bom, alegre e, frente à vida, nos faz mais potentes” .

Os slides apresentados pelas professoras vencedoras durante o Primeiro Seminário Professores do Brasil juntamente com a palestra, gentilmente cedida pela Professora Léa Tiriba, encontram-se no CD-Rom anexo.

Para a Secretaria de Educação Básica, Fundações e entidades parceiras tão importante quanto conceder incentivos e prêmios é oferecer a oportunidade de aprofundar a reflexão sobre as práticas pedagógicas, em um fórum de debates, com troca de idéias de diferentes saberes e fazeres.

Assim, a leitura desta publicação deve ir além de questões puramente metodológicas ou conceituais. Ela representa uma feliz novidade: diferentes atores, em diferentes contextos e em diferentes interações, caminhando para proporcionar melhorias no desempenho profissional em diversos campos – na leitura, na escrita, na preservação do meio ambiente, na valorização da dimensão artística, caminhando de modo singelo, cultural e eticamente comprometidos, indiferentes a critérios e escolhas únicas, mas ousados na transformação do cenário educacional brasileiro.

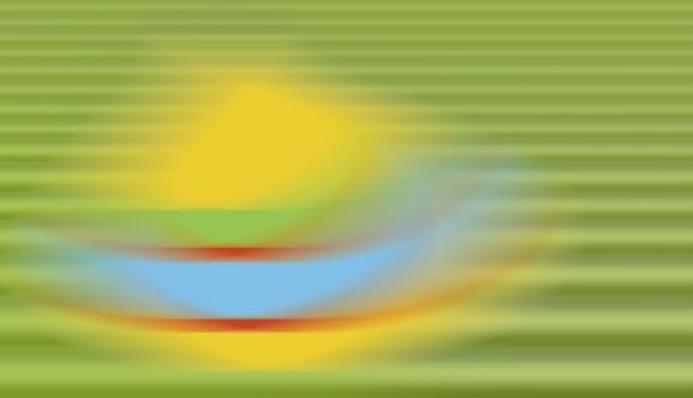
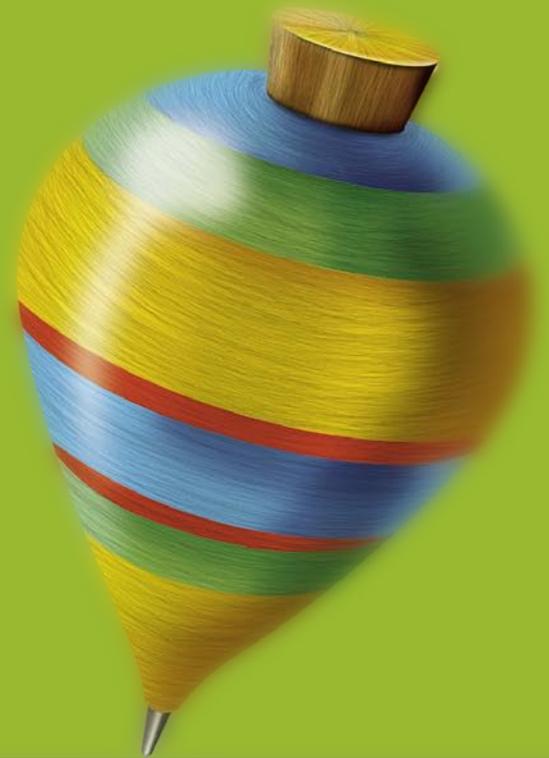
Boa leitura!

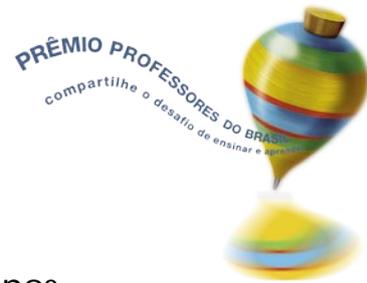
*Departamento de Políticas de Educação Infantil
e do Ensino Fundamental*

1

Múltiplas Linguagens: Arte, Música e Matemática

- . Das formas às fórmulas
- . Arte Naïf e outras artes na Educação Infantil
- . Cidadania, infância e estética do olhar
- . Fazendo arte para contar a história
- . É música no ar...



Dados de identificação:**Título:** Das formas às fórmulas
Arte e geometria num contexto interdisciplinar**Professora:** Maria Rita Lorêdo
Escola Municipal Santa Maria**Município/UF:** Muriaé/MG**Faixa etária atendida pela experiência:** 8 a 13 anos

Das formas às fórmulas. Arte e geometria num contexto interdisciplinar

Este trabalho está sendo desenvolvido na Escola Municipal Santa Maria, localizada na zona rural do município de Muriaé - MG. É uma comunidade carente de recursos econômicos e culturais, porém rica de pessoas trabalhadoras que vivem da atividade leiteira - predominante no município. Todos os 38 alunos da escola são filhos de colonos que trabalham em sítios e fazendas da região, com renda per capita familiar de, aproximadamente, 400 reais.

Ao iniciar o trabalho no mês de fevereiro, a escola tinha apenas uma turma multicitada unidocente com 24 alunos de 5 a 13 anos. Nesse período, a maior dificuldade era a chegada de 3 a 4 alunos novos por semana. Eu não estava conseguindo dar seqüência com a geometria despertando o interesse, a compreensão e a aprendizagem dos conteúdos propostos porque os alunos que iam chegando, não sabiam ler

e tinham um nível de compreensão bem diferenciado sobre os conteúdos geométricos. Queria trabalhar a Arte não como desenho para colorir formas geométricas e sim criar um ambiente de prazer e conhecimento sobre o que estivesse sendo realizado.

Só no mês de março, quando um outro professor foi contratado, e a turma foi dividida, consegui dar início, realmente, ao trabalho. Esse projeto foi sendo desenvolvido com 19 alunos do 2º, 3º e 4º anos, na faixa etária de 8 a 13 anos, sendo dois, apenas, os alunos especiais.

Os alunos do Pré-Escolar e do 1º ano da outra turma participaram apenas de algumas atividades, de acordo com o nível de compreensão.

Dar mais sentido aos conteúdos curriculares e também para que meus alunos, ao final do semestre, pudessem estar mais cultos, com um saber que dificilmente iriam ter consideran-



do o meio onde vivem, foram os motivos que me levaram à realização desse trabalho com Arte, tendo a interdisciplinaridade como meio para trabalhar em sala de aula diversos conteúdos de diferentes áreas.

Sei que, para que os alunos tenham um conhecimento mais condizente com os dias atuais, a postura do professor deve ser de buscar fontes de pesquisas, criar meios e aprender juntamente com eles, partilhando as maravilhas das descobertas e o entendimento de que todo trabalho é digno e que, de uma forma ou de outra, contribui para um mundo melhor.

Sempre com uma visão de inter-relações humanas entre aluno, professor, escola, família, cultura, espaço físico social, cultural, político e econômico esse projeto de trabalho foi sendo desenvolvido, objetivando o letramento construído num processo contínuo de ensino e aprendizagem.

O Projeto Pedagógico “Das formas às fórmulas: Arte e Geometria num contexto interdisciplinar” tem a Arte como área âncora para desenvolver a leitura de imagens; trabalhar os conceitos geométricos; valorizar a linguagem oral e a produção de textos; contextualizar a arte e acontecimentos históricos e, principalmente, criar na escola um espaço favorável para trabalhar as competências e habilidades dos alunos.

Para que os conteúdos de geometria e a produção de textos ficassem mais interessantes e despertassem o interesse dos alunos, a arte visual foi trazida para a sala de aula nas obras de

grandes pintores do século XX, como Picasso, Tarsila do Amaral, Mondrian e Calder.

Objetivos gerais: Observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando a arte de modo sensível.

Valorizar o saber escolar e o letramento adquiridos, para o exercício da cidadania e a busca constante de uma melhor qualidade de vida.

Objetivos Específicos:

- Compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, espaços geográficos e a sua relação com as diferentes áreas do conhecimento (Arte, História, Geografia, Português e Matemática).

- Produzir textos escritos coesos e coerentes fazendo uma intertextualidade entre obras de arte e as vivências cotidianas (Arte, Português).

- Identificar os conhecimentos matemáticos (Geometria) presentes nas obras visuais (Matemática e Arte).

- Adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista (Temas Transversais).

- Utilizar sucatas (artes de designs em embalagens) de forma tridimensional na criação de jogos que estimulam o uso das terminologias geométricas (Matemática e Educação Física).

Lendo vários autores para fazer minha monografia, cujo tema é Metodologia de Projetos Pedagógicos, cheguei



à conclusão de como é importante uma fundamentação teórica para executarmos com mais sabedoria nossa prática docente diariamente. Compreendi que um projeto de trabalho deve trazer a vida que pulsa além dos muros da escola para nossa sala de aula.

Segundo (FREIRE, 1982), “Para o Homem e a Mulher, o mundo é uma realidade objetiva independente deles, possível de ser conhecida, em que não apenas está, mas com o qual se defronta. Daí, o ser de relações que ele é, e não só de contato”.

Mesmo trabalhando com diferentes faixas etárias e diferentes níveis de aprendizagens, nesse trabalho que foi todo sistematizado buscou-se o alicerce no “prazer de conhecer”.

Nesse momento em que a humanidade passa por diferentes conflitos: culturais, políticos, econômicos, sociais, psicológicos, etc, onde nosso bem-estar físico depende de muitos fatores, o aluno precisa conhecer e compreender o mundo que o cerca, tornando-se um sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

DEMO (2001) afirma: “A vida cooperativa na sala de aula ajuda o professor a sair da sua solidão, pois ele passa a compartilhar tarefas, a co-produzir estratégias pedagógicas, a criar e a aprender novos temas”.

Pensando em incluir todos “nós alunos”, o desenho, a leitura, a produção de texto, a pintura, os jogos, a linguagem oral, a cooperação, foram os instrumentos usados para valorizar as competências.

Para complementar, ANTUNES (2001) reforça: “A vida é uma escola e o

mundo uma sala de aula que se renova a cada dia. E é nessa sala de aula que o homem é avaliado por suas múltiplas competências e não só àquelas que a escola considera válidas”.

Para trabalhar a geometria, - tão importante para o trabalho em outras áreas da Matemática (frações, gráficos, perímetro, área, volume, etc) - e tornar o trabalho divertido e atraente, o segundo olhar sobre uma obra de arte foi importante. Primeiro foi o olhar de apreciação, a leitura da obra de acordo com a emoção e os possíveis conhecimentos que o aluno trazia.

Com todos esses cuidados e a preocupação de que a resposta dos alunos seria positiva, apresentei aos alunos Pablo Ruiz Picasso. Mostrei para os alunos um álbum com algumas obras de Picasso e eles ficaram muito entusiasmados e achando estranho como esse pintor representava suas formas. Um aluno fez o seguinte questionamento: “Será que Picasso pinta melhor ou pior que Portinari?”.

Eu disse que ele é que ia descobrir e o que eu sabia era que Picasso era muito mais famoso que Portinari, suas obras eram caríssimas, valiam milhões de dólares. Que a tela “O Sonho”, de 1932, foi vendida em 1997 por 48,4 milhões de dólares. Fizemos a conversão para o nosso dinheiro e eles ficaram admirados ao saber que as obras de Picasso valiam tanto. Mostrei a reportagem da Revista Veja (19-11-97) que falava sobre esse leilão milionário. Mostrei para eles que aquela ia ser a primeira tela que íamos conhecer.

Após ter trabalhado a biografia de





Descobrimo nas obras de Tarsila do Amaral semelhanças com o estilo de Picasso. Aplicação e reprodução

Picasso e os alunos procurarem a Espanha no Globo terrestre e depois a França, local onde ele viveu grande parte da sua vida e veio a falecer em 1973, fomos observar a tela “O Sonho”. As crianças foram dando suas opiniões, descobrindo os detalhes que justificavam o título. Então, um aluno comentou que a abertura que há na cabeça da mulher era porque os nossos sonhos entram e saem da nossa cabeça. Eles não tinham percebido que Picasso pintou um seio levemente de fora. Disse para eles que o artista queria dar sensualidade à mulher e não vulgaridade. Brinquei com as meninas sobre a importância da sensualidade para nós mulheres. Não de andarmos com os seios à mostra, mas a sutileza ao vestirmos, ao falarmos e de nossos gestos.

Ficou combinado que às sextas-feiras teríamos aulas de Arte e Geometria.

A segunda tela foi “Maternidade”, de 1971. As crianças acharam o rosto da mulher muito feio, parecia brava e eu disse que a maternidade nos primeiros dias nos deixa assim. Que as fêmeas, quando dão a luz, ficam defendendo a cria e todos tinham uma história sobre a mudança de comportamento das cadelas, gatas, vacas, galinhas, para contar.

Antes de trabalhar a próxima tela, que era “Guernica”, pedi aos alunos que fizessem um desenho retratando a guerra entre os Estados Unidos e o Iraque. Sempre há comentários sobre os carros bombas que matam diariamente várias pessoas. Disse que, se no desenho houvesse retas, segmentos de retas e semi-retas, que eles traçassem



usando régua. Pedi também que eles dessem um nome para a obra criada e marcassem o ano de 2005 para que, daqui a alguns anos, quando eles olharem, certamente as guerras vão ter armamentos mais sofisticados.

Que riqueza de detalhes! Bombas, terroristas, prédios incendiados, fogo e tudo que a televisão mostra ficou registrado. Cada aluno falou sobre sua obra.

Durante a semana levei a música “Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones”, com os Engenheiros do Havai, para que as crianças vissem que os artistas podem também falar de um acontecimento através da música.

Uma produção de textos – trabalhando a intertextualidade entre a tela feita por eles e a música – ficaram ótimas! Só depois fomos ler sobre “Guernica” e ver como Picasso retratou a Guerra Civil Espanhola através de corpos em pedaços, olhos fora do lugar, animais e pessoas em estado de horror. Esse texto também explicava os motivos pelos quais levaram o artista a pintar uma obra tão triste, tão grandiosa para a história e tão grande em tamanho.

Na semana seguinte, para fechar o assunto guerra, fomos falar de PAZ.

Foi muito difícil encontrar a tela “POMBA DA PAZ”, de 1951, que Picasso pintou. Mesmo essa tela sendo usada como símbolo da Paz em quase todo o mundo, ela não apareceu nos livros que eu pesquisei e nem nos sites de museus. Só no livro onde o fotógrafo David Douglas Duncan mostra o ateliê de Picasso, ela aparece encostada na parede, no chão, um pouco

escondida pela poltrona. Esse fato me fez lembrar o professor Luiz Cláudio da Costa, da Universidade Federal de Viçosa, MG, que em sua palestra sobre “Educar para o amor” disse que a PAZ não vende, não dá ibope. PAZ não dá dinheiro. Não existe a indústria da PAZ, existe a indústria de guerra. Eu falei sobre isso com as crianças.

Na “apreciação geométrica” encontraram polígonos, tais como o losango, romboide, triângulos, curvas abertas, fechadas, ângulos agudos, obtusos e retas. Para trabalhar a classificação dos triângulos, apreciamos a tela “Banhista com uma bola de praia”, de 1932, que mostra uma mulher de maiô rosa com vários triângulos amarelos. Ela é também da fase rosa de Picasso. Nessa obra, as pinturas das crianças saíram da forma plana para as formas arredondadas (gordinhas) da banhista. Avisei as crianças que esta seria a última tela de Picasso que íamos pintar.

Chega a vez de Tarsila do Amaral e vimos que era mais nova que Picasso 5 anos e que foi também para Barcelona e Paris para estudar, assim como Picasso.

Seus traços, parecidos com os da obra de Picasso, nos mostram o povo brasileiro, nossa paisagem e o jeito brasileiro em “Abaporu”, de 1928 (antropófago em Tupi), “Antropofagia”, de 1929, “A Negra”, de 1923, “Operários”, de 1933 e “Urutu”, de 1928.

As crianças logo perceberam que Tarsila e Picasso tiveram estilos parecidos.

A primeira tela trabalhada foi “Abaporu” que o livro didático dos alunos apresenta com várias atividades. Depois, todos pintaram sua tela para que





Releitura da obra de Tarsila, fazendo relação com os trabalhadores da atividade leiteira próxima à escola

fosse arquivada no portfólio.

Para trabalhar o conceito de paralelogramo e a beleza das cores primárias, fomos conhecer 6 obras de Mondrian. Vimos, em sua biografia, que ele era um admirador de Picasso e por isso mudou-se para a França. Seu jeito simples de desenhar e pintar, usando linhas retas que formam quadrados e retângulos, encantaram as crianças. Os alunos foram criar um painel com as formas e cores de Mondrian (1º ano). Para os alunos do 2º, 3º e 4º anos, o trabalho com as obras de Mondrian era para reforçar os conceitos de quadriláteros paralelogramas.

Para completar nesse semestre o trabalho com os pintores, começamos a ver também as obras de Alexandre Calder, um dos artistas mais originais e criativos do século XX. Ele era um admirador de Picasso e usava as cores de Mondrian. Ele também fez lindas esculturas de arame e foi o criador dos móveis. Em sua tela "Pirâmide", Calder usa a cor preta para dar um contraste de

sombra e o amarelo e o vermelho representam a luz do sol. Foi tão bom fazer essa leitura com as crianças.

Outra obra de Calder muito significativa é "Amizade". Nela, ele retrata dois elos de uma corrente que se entrelaçam. As crianças logo perceberam o simbolismo do sentimento entre as pessoas que o artista quis retratar. Essa obra foi usada para fazermos um cartão de recordação sobre nosso projeto. Após a confecção, houve o sorteio para a troca.

A tela "A equilibrista" foi usada para a produção de textos.

Nas outras telas e esculturas de arame desse artista, apenas observamos suas formas e suas cópias foram arquivadas no portfólio.

Para trabalhar a simetria, levei os alunos para fazer um passeio na cidade de Muriaé, para que eles pudessem conhecer de perto o patrimônio histórico da nossa cidade e para observar a simetria dessas construções antigas, ricas em detalhes. Eles perceberam



que as construções modernas têm menos detalhes.

Após o passeio pela cidade, fomos a um restaurante onde existem cópias das obras de Picasso. À chegada foi uma graça, pois todos queriam me falar e mostrar o que tinham visto. Nossa! Como eu me senti feliz de ter oportunizado esse ambiente a eles.

Para chegar às fórmulas, medimos a sala de aula e toda escola. Sempre partindo do material concreto, os alunos perceberam o que é o espaço do pátio que ocupa um metro quadrado de superfície.

Para que esse trabalho fosse possível, precisei começar minha pesquisa sobre Picasso, Tarsila e Mondrian desde o final do ano passado e, na minha cidade, só há uma biblioteca municipal com apenas um álbum das obras de Picasso. Precisei recorrer à biblioteca de uma escola particular, “Pinguinho de Gente”, e lá também gentilmente me ofereceram uma pesquisa na Internet. Navegamos nos principais museus do mundo. Fiquei fascinada com tantas obras e tive que fazer uma escolha para que o assunto não ficasse desgastante.

Tive que me policiar para trabalhar também apenas 5 obras de Tarsila, 4 de Mondrian e, em um dos livros que li, descobri Alexandre Calder que complementou o trabalho porque algumas de suas obras aparece o estilo de Picasso com as cores de Mondrian.

Para minhas crianças, a única fonte de leitura são os livros didáticos seus e dos irmãos que estudam na cidade. Então, qualquer pesquisa fica limitada, porém, mesmo assim, encontraram obras de Picasso e Tarsila (Douglas, por

exemplo, tornou-se um “caça” obras de artes nos livros didáticos das irmãs).

Eu queria que meu aluno descobrisse a geometria na obra de arte, mas não queria que o olhar técnico, matemático tirasse a sensibilidade emocional do seu contato com a obra.

Fiquei atenta para que os alunos pudessem ter esse equilíbrio, primeiramente porque, segundo os pesquisados Dina Von Hiele Geldof e Pierre Van Hiele, o aluno passa por níveis de compreensão no estudo de geometria e no nível 1, ele apenas percebe as formas como um todo. As figuras são percebidas pela sua aparência e não pelas suas propriedades.

Nesse trabalho, estou no nível 2, porque o aluno já consegue abstrair-se da forma e começa a classificar as figuras, não por suas formas, e sim pelas suas particularidades (polígonos, paralelogramos, quadriláteros e analisar as figuras pelos ângulos).

Pelo nível de compreensão da turma, tenho certeza de que o trabalho com perímetro, área e volume - a ser feito nesse segundo semestre - terá uma maior compreensão sobre suas fórmulas. A exposição dos trabalhos será no final de agosto para fechar o projeto.

Até o momento, a avaliação é processual e contínua.

■ Na Arte, foi levado em conta o desenvolvimento emocional e cognitivo na capacidade de observação, expressão e criação.

■ Em Português, foi dado um tratamento especial às produções de textos como correção individual e a leitura para os colegas.



■ Na Geometria, observou-se a compreensão dos conteúdos trabalhados começando pelas curvas e pontos até a classificação dos entes geométricos.

■ Em História e Geografia, foi possível dar sentido ao trabalho dos artistas na linha do tempo, no contexto histórico revelando a linguagem universal da Arte, porque artistas que nasceram em diferentes países como Espanha, Brasil, Holanda e EUA mesclaram seus estilos e se tornaram eternos em suas obras.

■ Na Matemática, o trabalho com frações, em todas os anos e ciclos, foi facilitado, porque os alunos têm maior facilidade para medir, colorir e observar as semelhanças e diferenças entre as frações. As atividades com a linguagem gráfica ficaram mais interessantes e mais fáceis para serem construídas pelos alunos, pois os gráficos devem ser bem feitos, para uma melhor análise e compreensão.

■ Com os Temas Transversais, foi tratada a pluralidade cultural nas obras “A Negra” e “Operários” de Tarsila do Amaral que foram temas para discutir a diversidade cultural brasileira, fruto da imigração de pessoas de vários países. Nesse sentido, foi dada ênfase à história de sofrimento e preconceitos que os africanos sofreram no decorrer do desenvolvimento do nosso País. Foi observado que as desigualdades ainda existem entre nós, bem como o preconceito. Isto é, muitas vezes temos atitudes preconceituosas e não percebemos.

■ Na Educação Física, outra forma de avaliar foi através de jogos criados com sucatas (boliche, dado geométrico, trilha e baralho) onde os conheci-

mentos geométricos são usados a todo instante. Ao participar das brincadeiras, percebo o que os alunos aprenderam e em que têm dificuldades.

A Arte e a Geometria, que dupla perfeita para dar aos alunos mais atenção e interesse aos trabalhos com fração e estatística (tabelas e gráficos). O uso da régua e o cuidado ao pintar e o que pintar, deixou o aluno mais atento a esses conteúdos que às vezes são muito complexos e de difícil compreensão para alguns. Outra coisa que achei interessante, foi as crianças se utilizarem da cor branca nos trabalhos. Ao questioná-los, respondem que é para dar mais leveza e clareza ao desenho.

Ao trabalhar a sensibilidade dos alu-



Destacando a área na superfície do pátio



nos, tanto a valorização do trabalho em grupo, quanto o respeito às diferenças, certamente a escola estará formando cidadãos mais justos.

Um desafio para um trabalho com arte na escola é contar com o apoio dos pais que devem ser convidados a acompanhar o trabalho dos filhos e a maior limitação são os recursos materiais para pesquisa e recursos financeiros para compra de materiais mais apropriados.

A minha auto-avaliação é que tenho a certeza de que, se nós professores tivermos a vontade de fazer um trabalho diferente, é possível, apesar das dificuldades e limitações do nosso sistema de ensino. Porque alguém disse “Quando queremos muito uma coisa, o universo conspira a nosso favor” e sei que isso é verdade, porque neste projeto pude vivenciar isso em várias situações.

Mesmo usando apenas o lápis de cor e papel, uma das alunas especiais fez um belo trabalho e se sentiu mais valorizada e capaz, pois os colegas sempre a elogiam e sua auto-estima fica lá no alto. Para trabalhar a inclusão, foi muito bom porque essa aluna, com todas as suas dificuldades foi capaz de produzir, também, textos bem coerentes.

Num próximo trabalho com artes visuais, eu quero usar tela e tinta de verdade para dar mais semelhança às obras. O que eu aperfeiçoaria e vou fa-

zer é usar o artesanato através do “fuxico” para fazer tapetes, bolsas e outras coisas com as cores de Mondriam.

Ao folhear o portfólio das crianças, posso observar o avanço que cada um teve durante todo esse período; Ele me ofereceu a oportunidade de reflexão sobre todo o processo de aprendizagem.

Para HERNANDEZ, o que particulariza o portfólio é o processo constante de reflexão, de contraste entre as finalidades educativas e as atividades realizadas para a sua consecução, para explicar o próprio processo de aprendizagem e os momentos/chaves nos quais o estudante supera ou identifica seus problemas (Veredas, Mód. 7, p. 33-34).

Estou feliz de ter aprendido muitas coisas novas e de ter dado oportunidade de crescimento, como alunos e como seres humanos, para toda aquela turma. Fomos parceiros em todas as etapas de desenvolvimento do trabalho.

Esse projeto, predominante interdisciplinar, poderá ser ampliado e aperfeiçoado. Por exemplo, nós nos encantamos por Picasso e as crianças querem voltar a trabalhar com outras obras que viram nos livros. Ainda não decidi, contudo lancei o desafio para que façam as obras à mão livre.

Nossa experiência pode ser aproveitada em qualquer lugar do Brasil. Cada professor deverá trabalhar de

Ao trabalhar a sensibilidade dos alunos, tanto a valorização do trabalho em grupo, quanto o respeito às diferenças, certamente a escola estará formando cidadãos mais justos



acordo com os recursos de que dispõe e de acordo com a realidade de seus alunos. Esse projeto está sendo desenvolvido em outra escola, só que adaptado à realidade local, como já foi relatado.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Celso. A inteligência emocional na construção do eu. 10^o ed. Petrópolis: Vozes (2001).

DANTE, Luiz Roberto. Matemática vol 4. 2^a ed. São Paulo. Editora Ática. (2001).

DEMO, Pedro. Conhecimento moderno: Sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis. Vozes (2001).

DUCAN, David Douglas. O ateliê silencioso. Círculo do livro (1976).

FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 29^o ed. Rio de Janeiro: Record, (1994)

FREIRE, Paulo. A Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz eterna (1982).

MESTRES DAS ARTES, Pablo Picasso. Tradução Valentim Rebolsas. Consultoria: Ligia Maria da Silva Rega Rega e Ângela Cutapossi Braga. Editora Moderna (1996).

MONDRIAN e a pintura Abstrata. Tradução: Sheila Mazzolenis. 1^a ed. São Paulo (1991).

PARÂMETROS, Curriculares Nacionais: Arte, Matemática, Língua Portuguesa e Temas Transversais. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3^a ed. Brasília.MEC. (2001).

POUGY, Eliana Gomes Pereira. Descobrindo as artes visuais. 1^a ed. São Paulo (2001).

PROQUALIDADE. Guia Curricular de Matemática. Vol. 2: ciclo básico de alfabetização, Ensino Fundamental/ Secretaria de Estado de Educação- Belo Horizonte, MG (1997).



VEJA, Bolsa cheia. Não há crise que derrube um leilão de Picasso em oferta. São Paulo. Ed. Abril, 19 de novembro (1997).

VEREDAS - Formação Superior de Professores, Mód. 3 – Volume 2, Mód. 7, p. 33/ SEE- MG. Organizadoras Maria Umbelina Caiafa Salgado, Glaura Vasques de Miranda- BH: SEE- MG (2002).



Dados de identificação**Título:** Arte Naïf e outras artes na Educação Infantil**Professora:** Renata dos Santos Melro**Co-autoras:** Maria Inês Barreto Netto, Adriana Santos da

Mata, Lillian Cristina de Azevedo Teixeira de Aguiar

Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa

Município/UF: Niterói/RJ**Faixa etária atendida pela experiência:** 3 a 5 anos

Arte Naïf e outras artes na Educação Infantil

A Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa (UMEI) está situada no Barreto, bairro da zona norte de Niterói, a aproximadamente seis quilômetros do centro do município. Na entrada da instituição, as crianças vêm a casinha de bonecas e o parque. No pátio coberto, elas participam das aulas de recreação e têm acesso aos banheiros externos. Há outro parque à frente do pátio coberto, de onde as crianças vêm a sala das professoras. Ao lado desta sala, estão os dois refeitórios separados pela cozinha. No segundo andar desta ala, encontram-se a sala de infojogos, a sala da comunidade e a sala de leitura. E ainda, há um pátio na parte de trás das salas de atividade, com grandes jardineiras ao longo da parede. As salas de atividades são amplas com banheiros infantis e portas coloridas em tons claros – laranja, amarelo, azul, vermelho e rosa. Internamente, as paredes das salas, de azulejo rosa antigo, são cobertas com murais onde

estão expostos trabalhos das crianças e quadro, entre outros materiais.

Em nossa comunidade a procura por vagas na UMEI é muito grande, pois é a única instituição pública do bairro que atende crianças de 3 a 5 anos.

A escola tem no seu histórico de alunos duas gerações da mesma família e crianças cujos irmãos ou primos estudaram lá há três, quatro ou mais anos, às vezes, até com a mesma professora. São crianças de famílias pobres, de classe média baixa, moradoras do morro e das favelas mais próximos da escola, filhos e filhas de empregadas domésticas, de funcionários públicos, comerciários, professores, eletricitas, motoristas e de subempregados.

O projeto *Arte Naïf e outras artes na Educação Infantil* é o resultado do processo de reformulação pedagógica da instituição, sendo que um dos seus eixos principais é a relação da escola com a arte e a cultura.

Considerando que tudo que nos remete a nossa realidade pode ser mais



verdadeiramente compreendido, por estar próximo da vivência cotidiana, identificamos na vida e na obra de alguns pintores Naïf que existe uma ligação entre esse tipo de arte – tão importante e ao mesmo tempo pouco conhecida – e a vida das crianças de nossa comunidade escolar.

A Arte Naïf é uma criação, em sua maioria, de pessoas do povo, que não tiveram oportunidade de estudar, nem mesmo de se aperfeiçoar em escolas de arte. Artistas de origem humilde, cuja trajetória de vida se confunde com a de muitas famílias da comunidade. Além disso, a estética das obras, cujos traços são primitivos e ingênuos, aproximam-se – ainda que só aparentemente – dos traços infantis.

A possibilidade de proporcionar as crianças e suas famílias conhecerem diversos bens culturais, produzidos por pessoas com origens e histórias de vida semelhantes às suas, seria também um meio de permitir atuarmos numa dimensão formativa e ao mesmo tempo subjetiva, na medida em que “cultura é organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior, pela qual se consegue compreender seu próprio valor histórico, a função na vida, os próprios direitos e deveres” (Gramsci apud Nosella, 2004). Pela cultura, pois, nos constituímos hu-

manos enquanto constituímos a cultura, como duas faces da mesma moeda.

A natureza da articulação entre cultura e escola, pensamos, diz respeito às ações da escola para desencadear nas pessoas um processo de identificação histórica com o repertório humano nas dimensões acionárias das atitudes, dos comportamentos, dos valores, das idéias, dos conhecimentos, das diversas linguagens etc.

Subjacente a essa articulação está o trabalho com a arte. Seu tratamento metodológico e didático, contudo, vem sendo investigado, cada vez mais, nas duas últimas décadas. Na Educação Infantil – campo de reflexão e pesquisa dessa articulação de ampliação e aprofundamento

ainda mais recente – a natureza de seu substrato teórico vem recebendo importantes contribuições da pedagogia de projetos e das experiências das escolas italianas de Reggio Emilia (Moss, 2002; Pillotto e Mognol, 2004).

A arte é uma linguagem para conhecer, compreender e comunicar as coisas do mundo. Criação e conhecimento se entrelaçam na mesma raiz ativa. Assim, para pensar essa ação pedagógica, o chamamento de Ana Mae Barbosa é contundente e inspirador: “precisamos levar a arte que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se pa-

A arte é uma linguagem para conhecer, compreender e comunicar as coisas do mundo. Criação e conhecimento se entrelaçam na mesma raiz ativa



trimônio da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população” (1991, p.6). E, proporcionar meios para que as crianças vivam intensamente a linguagem artística e estética numa produção repleta de conhecimentos cultivada pelos educadores e com espaço para a manifestação criadora dos alunos, inscreve-se no que Georges Snyders (1996) chamou de alegria na escola: o cultivo do conhecimento da cultura e de suas obras.

Aliada a essas questões há, ainda, o movimento em torno da difusão da idéia de que o que o povo faz não é considerado como cultura, tampouco obra de arte. Segundo essa concepção, somente a elite dominante produz cultura e obras artísticas. Este pensamento difuso, veiculado até subliminarmente, é outro importante eixo a ser enfrentado no trabalho escolar de articular cultura, arte e educação.

O objetivo deste trabalho foi gerar oportunidades para que a comunidade escolar pudesse se ver como produtora e apreciadora de cultura, conhecer algumas manifestações culturais do povo brasileiro, interagindo com elas e valorizando a diversidade cultural. Além disso, proporcionar condições para que as professoras, crianças e comunidade estabeleçam relações entre a cultura erudita e a cultura popular ocidental.

O projeto foi iniciado, em junho de 2004, primeiramente com as professoras que pesquisaram, nas reuniões de estudo e planejamento semanais, aspectos teóricos sobre Arte Naïf. Em tal ocasião pesquisamos desde o francês Henri

Rosseau (1844-1910), considerado o precursor da arte primitiva na cultura ocidental, até os textos que tratam conceitualmente os assuntos em questão: Arte Naïf e as outras artes populares. Posteriormente, selecionamos alguns artistas e conhecemos sua vida e obra para serem explorados com as crianças.

Realizamos, em seguida, uma extensa pesquisa sobre a vida e a obra de artistas como Lia Mitrarakis, Aparecida Azedo, José Antônio da Silva, Heitor dos Prazeres, Mestre Vitalino, Geraldo Teles de Oliveira – o GTO, Noemisa Batista, Adalton Lopes e Gabriel Joaquim dos Santos e sua Casa da Flor. Todo o material de trabalho estava a nossa disposição catalogado em pastas, DVD e livros de arte.

As atividades com a turma e a comunidade se deram nos meses de agosto a outubro. As crianças foram convidadas a se “transportarem” para o mundo de cada artista, ouvindo a história de sua vida pessoal e profissional e conhecendo algumas de suas obras.

No estudo das obras, primeiramente, as crianças descreviam o que estavam vendo. Em um segundo momento, fazíamos comparações entre as obras do mesmo artista e assim íamos descobrindo as características de cada pintor. Mais adiante, as crianças comparavam as obras de diferentes artistas Naïf. Desse modo, as características desse tipo de arte surgiam concomitantemente à apresentação das obras.

A observação estética começava a ser recorrente nas análises, já que não estávamos apenas interessados em saber o que o artista pintou, mas tam-





Acima, oficinas de cultura:
Tela viva: "Festinha em casa"
de Heitor dos Prazeres



Ao lado, pintura baseada na
obra do artista José Antonio
da Silva

bém como fez, que cores e recursos usou.

Após analisarem as obras, as crianças também viraram artistas! Propusemos então a elas que fizessem reproduções das obras de alguns pintores utilizando diversos materiais.

Foi quando percebemos que a representação desse intenso processo, feito apenas por desenho, não dava conta de expressar tanto conhecimento novo, por isso, professoras e crianças passaram a

elaborar textos coletivos contando sobre a vida e o trabalho de cada artista.

Como parte das atividades do projeto foi programada uma visita ao Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil (MIAN). No museu, as crianças puderam apreciar, bem de pertinho, as mesmas obras que já tinham visto nas pastas, nos livros e nas fotos, além disso, foi uma bela oportunidade de conhecer quadros de outros artistas brasileiros e até de outros países.



A ação mais efetiva com a comunidade aconteceu em uma tarde de sábado, no início do mês de outubro, em uma das Oficinas de Cultura Popular. Neste dia, a escola realizou uma exposição das reproduções de trabalhos dos artistas estudados e de dados sobre suas vidas, bem como, das recriações e criações produzidas pelas crianças.

Diferentes espaços da escola: salas de atividades, murais dos corredores, pátio e até os refeitórios foram preparados para receber o acervo de trabalhos. Complementando as atividades programadas, foram realizadas oficinas de Composição, Tela Viva, Modelo Vivo, Matemática, Escultura e Pintura. A proposta, orientada pelas professoras, era proporcionar aos pais a vivência da mesma dinâmica



Oficinas de Escultura com a participação dos pais

realizada com as crianças.

O fim do dia de oficinas foi uma festa! As famílias, crianças, professoras e funcionários da escola, fizeram uma grande roda e cantaram

músicas de pintores Naïf como Heitor dos Prazeres, Guilherme de Brito e Nelson Sargento que também foram compositores.

Promover uma ação educativa que articulasse arte como manifestação de cultura foi uma tarefa nova e desafiadora para o grupo de educadoras da nossa UMEI. Fomos aprendendo, junto com nossas crianças, a observar as obras de arte Naïf, procurando entender o contexto político, econômico, histórico e cultural que inspirou os pintores.

Durante os encontros semanais de planejamento, todas as educadoras e coordenadora pedagógica trocavam informações sobre o trabalho realizado, as reações das crianças frente às propostas, o que elas comentavam, enfim, trocávamos idéias sobre o que tínhamos feito.

Diante dessa troca, surgiam novas idéias de atividades que poderiam ser desenvolvidas na sequência do trabalho. O projeto foi se construindo a partir de trocas e reflexões, no fazer diário, junto com as crianças. Foi um processo longo consolidado por meio de acertos, erros e replanejamento. A participação das professoras, desde os momentos de estudo teóricos à implementação da proposta, evidenciou uma mudança de atitude e uma consciência crítica na articulação entre Arte e Cultura.

O interesse de crianças, tão pequenas, pela Arte Naïf revelou a existência de laços de conhecimento e identificação. Tudo isso transpareceu ao observarmos as brincadeiras e como se desenvolviam



nas atividades de desenho, pintura e modelagem, ao ouvirmos os comentários espontâneos que faziam sobre as obras e suas experiências cotidianas.

Como pudemos constatar, o trabalho foi um somatório dos dados informativos, das discussões sobre as telas, das diversas interpretações e impressões que as obras causaram nas crianças. Tudo resultou em profunda melhoria na qualidade dos trabalhos produzidos enriquecidos com as ações educativas do projeto. Era visível o aprimoramento na concepção de formas, a escolha de cores, a distribuição dos elementos no papel, enfim, o cuidado com os detalhes na recriação das telas e criação de outras.

As crianças foram parceiras e multiplicadoras nessa articulação – educação, cultura, arte e família – levando para o contexto de suas casas a oportunidade de conhecer alguns artistas e, pelo menos, parte de suas obras.

Considerando os aspectos socioeconômicos das famílias dos nossos alunos, na sua grande maioria, acreditamos que seria relativamente pequena a possibili-

dade de conhecê-los em museus, galerias, livros de arte etc.

Artistas das diferentes regiões brasileiras, conhecidos no mundo das artes, são desconhecidos da maioria da população geral e da escolar em particular.

Como vimos com este projeto, tais artistas revelam nas suas obras, leituras, interpretações, representações, impressões, sentimentos diversos sobre uma realidade cotidiana que imaginamos tão distante, mas ao mesmo tempo tão próxima à nossa.

Pode-se imaginar que próximo a qualquer uma das milhares de escolas de Educação Infantil espalhadas pelo país existam pintores, escritores, escultores, enfim, pessoas com muita sensibilidade, histórias interessantes e trabalhos surpreendentes! Talvez, porém, essas pessoas passem suas vidas despercebidas. Afinal, o Brasil é do tamanho da sua diversidade cultural. Não caberá a nós educadores despertar nas crianças o interesse por tão relevante manifestações culturais?



Referências bibliográficas

Arte Naïf. [on-line]. Disponível na internet via www. Url: <http://www.historia-daarte.com.br/artenaif.html>. Em 23 de maio de 2004.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

Casa da Flor. [on-line]. Disponível na internet via www. Url: <http://www.casa-daflor.org.br>. Em 23 de maio de 2004.

D'AMBROSIO, Oscar. O que é Arte Naïf. [on-line]. Disponível na internet via www. Url: <http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/artenaif.htm>. Em 23 de maio de 2004.

FINKELSTEIN, Lucien. Brasil Naif – Arte Naif: Testemunho e Patrimônio da Humanidade, 1 ed. Novas Direções, 2001.

MASCELANI, Angela. O mundo da arte popular brasileira. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/Mauad Editora, 2002.

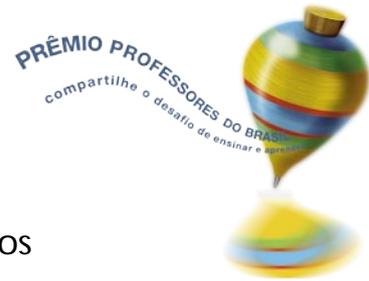
MOSS, Peter. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (org.). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002. 303 p. P. 235-248.

NOSELLA, Paolo. A linha vermelha do planeta infância: o socialismo e a educação da criança. [on-line]. Disponível na internet via www. Url: <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv245.htm>. Em 21 de julho de 2004.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte e MOGNOL, Letícia Coneglian. Propostas para a arte na educação infantil. [on-line]. Disponível na internet via www. Url: http://www.artnaescola.org.br/fr_artigos.html. Em 13 de julho de 2004.

SNYDERS, Georges. Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 204 p.



Dados de identificação:**Título:** Cidadania, infância e a estética do olhar**Professora:** Ana Lúcia Machado**Escola Básica** Vitor Miguel de Souza**Município/UF:** Florianópolis/SC**Faixa etária atendida pela experiência:** 9 a 13 anos

Cidadania, infância e a estética do olhar

O projeto aqui relatado foi desenvolvido durante um ano, numa turma de segundo ciclo que, em 2004, cursava a terceira série e, em 2005, cursava a quarta série, com a mesma professora.

A turma iniciou o projeto no ano passado, mais precisamente em agosto de 2004 e o finalizou em julho do presente ano. São, ao todo, 24 crianças estudantes do período matutino da Rede Municipal de Ensino do Município de Florianópolis.

A escola atende, em média, 338 alunos na faixa etária de 7 a 17 anos, sendo 180 do sexo masculino e 158 do sexo feminino, e possui 25 professores. A clientela atendida é bastante diversificada. Dela constam crianças de classe média baixa a crianças que vivenciam situações de pobreza extrema.

Na turma envolvida é possível perceber crianças que vivem a infância de maneira diversa. Algumas fazem aula de dança, futebol, capoeira, outras

passam as tardes cuidando dos irmãos menores, cozinhando, lavando ou passando. Ainda há aquelas que, nada tendo o que fazer, passam longas tardes e parte das noites perambulando pela vizinhança. A renda das famílias varia de um a cinco salários mínimos, o que comprova as disparidades econômicas encontradas na turma.

O bairro onde se situa a escola, o Itacorubi, é o espelho dos contrastes econômicos e culturais presentes no ambiente escolar. Nele, casas bem planejadas, com espaço para as mais variadas necessidades e condomínios residenciais de luxo dividem o cenário com as encostas do Morro do Quilombo, morro onde mora a maioria das crianças alunas da escola. O crescimento desordenado, o uso e tráfico de drogas, a falta de trabalho, as condições de precariedade residencial (energia, saneamento básico e urbanismo) e a falta de acesso aos mais variados serviços são uma constante





As equipes saíram a filmar conforme o roteiro

na vida dos moradores do Itacorubi. Moradores que, em grande parte, são migrantes de regiões agrícolas do interior do Estado de Santa Catarina e sul do Paraná. Neste sentido, a exclusão sociocultural é fator preponderante entre muitas crianças matriculadas na EBM Vitor Miguel de Souza.

Fazer dos textos fílmicos - e de todas as linguagens e técnicas mais utilizadas na cinematografia - centro de atenção de pesquisa e conhecimento é estimulante e desafiador. Neste sentido, o presente projeto tem a pretensão, a partir da exploração da "Sétima Arte", de levar as crianças, protagonistas do projeto, a elaborem conhecimentos éticos, estéticos, técnicos, culturais, econômicos e artísticos. Trabalhar com a tal "competência para ver" parece empolgante e urgente quando nos deparamos com a quantidade de imagens que bombardeiam a todos em todos os espaços e em todo momento.

Articular esse conhecimento a tantos outros que se farão necessários com a crença na não compartimentalização do saber é um desafio certo e estimulante.

A partir da resolução de questões-problema, da análise e estudo do Estatuto da Criança e do Adolescente, das obras de arte que representam a infância, da análise de textos fílmicos, do estudo sistematizado das questões técnicas relativas à produção cinematográfica, da aplicação e análise de entrevistas é possível fazer com que as crianças ampliem seus conceitos, se apropriem dos legados culturais de forma reelaborada e possam, assim, produzir um audiovisual sobre crianças para crianças que seja a síntese de toda a caminhada.

Em nossas unidades escolares, o uso dos textos fílmicos, muitas vezes, não passa da ilustração banal de certos conteúdos, enfatizando-se o que deve ser considerado ou, o que é muito pior,



apenas como reflexo da indústria cultural e da alienação e falta de reflexão de muitos educadores que, iludidos com imagens e cenas comerciais estimulam ainda mais o uso desta linguagem sem provocar a mínima reflexão e, muitas vezes, a assimilação de valores nada estéticos, a assimilação de estereótipos de gênero, a assimilação do consumo desenfreado de produtos supérfluos, a assimilação da banalização da violência e, muitas vezes, o “alienamento” das crianças quanto à capacidade de realizarem elaborações mais reflexivas e produzirem esteticamente a partir do cinema.

Como bem menciona Lopes (2004):

“Ao invés de constituir-se num pensamento, manifestação, criação e expressão abertos, livres, desestruturantes, contribuindo para a crítica à reprodução à barbárie, qual seja, uma vez submetida à lógica do mercado, a arte perde suas possibilidades de criação, circulação e distribuição do conhecimento e sensibilidades” (p. 194).

Cinema, Educação e as Artes Plásticas, em geral, embora artes bem distintas, podem muito bem se articular, complementar e ressignificar os olhares e as possibilidades diferentes de ensinar e aprender. Não se trata de articular cinema, artes plásticas e educação, não em um sentido estreito de cunho tecnológico e metodológico.

Mas, muito além. Ampliar e questionar o repertório sociocultural são um objetivo urgente quando pensamos na necessidade de se superar visões estreitas, hegemônicas e alienantes. As culturas não estão prontas e acabadas, elas são também parte do repertório sociocultural e, nesse sentido, “o que podemos fazer ao longo de nossas vidas está diretamente relacionado ao nosso repertório de experiências” (Ferreira, 2001, p.16).

Muitas vezes não se tem idéia do trabalho árduo das pessoas envolvidas na produção, no tempo gasto na elaboração de efeitos, de emoções, dos roteiros, dos planos, das múltiplas equipes (sonoplastia, iluminação, locação, entre outras) enfim, dos elementos de significação do cinema, já que “o cinema pode ser, ainda, um elemento vital para a construção de um homem livre nas suas convicções, crítico nas suas análises, humanista e sensível na sua forma de compreender e olhar o mundo e a vida, aberto à multiplicidade de propostas” (Lopes, 2004, p.200). Assim sendo, investigar, de forma interdisciplinar, com as crianças, os conceitos de cidadania, ética e estética manifestados nas produções fílmicas que tratam da infância, promovendo, assim, um espaço de reflexão e produção foi, pois, o objetivo central deste projeto.

Ter a pesquisa como princípio edu-

“O contexto deve ser o do aprender a aprender, base da autonomia emancipatória”



cativo é uma necessidade, já que como bem expressa Demo (2000, p.97) “o contexto deve ser o do aprender a aprender, base da autonomia emancipatória”. Centrar as propostas pedagógicas em pesquisas é gerar “a ambiência dinâmica do sujeito capaz de participar e produzir, de ver o todo e deduzir logicamente, de planejar e intervir” (idem).

Aproveitando o ensejo da “Mostra de Cinema” e da participação na pesquisa de doutorado de uma pesquisadora da Universidade Federal que desejava pesquisar sobre o cinema e a formação estética nas crianças, lá fomos nós participar, assistindo à primeira produção feita para crianças, primeiro filme direcionado com linguagem e ideologia ao público infantil: “O Mágico de Óz”.

Posteriormente, realizamos uma discussão na qual as crianças se posicionaram apontando questões que iam além da percepção de simples entretenimento, ao assumirem um olhar curioso de quem olha a obra como pesquisador.

Dado o primeiro passo do projeto que foi instigar as crianças nas pesquisas sobre cinema, o seguinte foi definir coletivamente quais problemáticas norteariam nossas pesquisas. Em grande grupo, construímos o seguinte repertório de questões a serem investigadas e, entre elas, podemos citar algumas, tais como: Como funciona o cinema? O que será que podemos aprender com o cinema? O que será que as crianças e os adultos pensam sobre o cinema? Como será que as crianças do país vivem a infância?

Como viviam a infância nossos pais e avós? Será possível representar estas infâncias através do cinema? O cinema é uma forma de lazer, será muito caro vivenciar esta diversão? Será que as crianças e adolescentes podem ser: produtores, roteiristas, confeccionarem *storyboards*, diretores ou protagonistas de um filme também editado por crianças e adolescentes?

A última pergunta da pesquisa apontava, então, o ápice de todo trabalho: a produção de um audiovisual que assinalaria todas as aprendizagens realizadas ao longo do projeto. Algo realmente muito empolgante e novo para o contexto. Seria a primeira vez que as crianças daquela escola efetivariam a produção cinematográfica a partir de um estudo sistematizado sobre estética e técnica cinematográfica.

Iniciamos, então, as pesquisas para o projeto intitulado: “Cidadania, infância e a estética do olhar”. Projeto que trabalhou de forma interdisciplinar conhecimentos matemáticos, lingüísticos, científicos, históricos e geográficos, artísticos e cinematográficos, em especial.

Metodologicamente, como foi pensada a prática pedagógica centrada na pesquisa sobre as linguagens fílmicas e plásticas?

Iniciada a discussão que estimulou a todos foi, então, proposto aos alunos e alunas, questionamentos e uma releitura plástica sobre o primeiro filme produzido para crianças: “O mágico de Oz”. A história do cinema - nosso próximo passo. Utilizamos muito material ilustrado e textos informativos que foram muito profícuos.





Produção de aluno sobre o filme
"As bicicletas de Belleville"



Produção de aluno sobre o filme
"O garoto" de Chaplin

Muitas atividades interdisciplinares foram planejadas. Alguns documentários entraram em cena e todas as discussões possíveis foram efetivadas. Dentre as atividades, foram pensados os problemas que tratam de questões econômicas e monetárias relacionadas à possibilidade de usufruir-se de determinadas formas de entretenimento, entre elas, o cinema.

O estudo da óptica mereceu o auxílio de um profissional especialista no assunto, um físico que, por meio de uma didática toda especial, pode explicar os efeitos da luz dentro da própria escola. As crianças ficaram encantadas com as novas descobertas sobre óptica e a inversão da imagem projetada a partir da câmara escura. Fizeram mil perguntas que foram devidamente respondidas pelo professor.

Pesquisas sobre as preferências cinematográficas, sobre os efeitos da agressividade dos filmes, sobre o conhecimento e desconhecimento de alguns produtores e mesmo algumas produções foram estruturadas e efetivadas pelas crianças com o intuito de levantar dados que pudessem ser ta-

bulados e transformados em gráficos, bem como espelhar o que a comunidade assiste em termos fílmicos. Animações como "Kiriku e a feiticeira", "As bicicletas de Belleville", "Minha vida de João" e filmes como "Central do Brasil", "Tempos Modernos" e "Billie Elliot" impressionaram e fizeram as crianças pensarem em cinema numa perspectiva que, até então, não haviam pensado. Na sala informatizada as crianças, em duplas, organizaram um CD-ROM e uma apresentação em *PowerPoint*, sintetizando os comentários e ilustrações sobre os filmes assistidos.

"Central do Brasil" trouxe à tona a vida de crianças desamparadas e a banalização social com relação ao problema. Todos começaram a pensar sobre os muitos meninos e meninas de rua que perambulam por nossa cidade e que, aparentemente, não são vistos por ninguém. No ar, ficou a sensação de que alguma coisa está errada, de que esta sociedade precisa melhorar, de que precisamos estudar o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Para que as crianças desenvolvessem habilidades para trabalhar com a luz,



realizamos oficinas de fotografia, primeiramente com a *pin hole*, depois com as máquinas digitais. Na sala informatizada, examinamos na tela do computador as fotos e discutimos quais ângulos e posicionamentos relativos à posição do sol eram determinantes para a imagem que queríamos produzir. Habilidades necessárias foram desenvolvidas naquela experiência para um futuro trabalho com a câmera filmadora. Mais tarde, fizemos várias brincadeiras com a câmera filmadora só para ensaiar.

Depois de tantas descobertas, depois dos estudos sobre o cinema, chegamos à conclusão que já tínhamos condições de produzir um bom argumento para nossa produção. Retomamos nosso conhecimento sobre roteiros, planos, angulação da câmera, o papel da sonoplastia, a produção em si e a direção. Em quatro equipes elaboramos roteiros sobre os seguintes argumentos: criança e cidade, criança e cultura, criança e brincadeiras e criança e escola.

Na mesma semana, lançamo-nos a fazer as filmagens. Correria e formação das equipes de roteiro, filmagem, iluminação e direção. Formamos, também, a equipe de edição que se encarregaria de fazer a montagem final das imagens no computador. Na sala informatizada da escola, esta foi realizada com um dos programas de edição.

O trabalho, em muitos momentos, superou nossa carga horária. Os grandes diretores e produtores que se cuidem, pois em agosto foi lançado o audiovisual intitulado “Toda criança merece...”, um audiovisual pensado e

produzido por crianças que, na certa, muito lhes agradou.

O cinema possibilitou a inserção no mundo e pode ser muito útil para o autoconhecimento de cada uma das crianças envolvidas. Promoveu a inclusão cultural de uma dada comunidade que, em muitos aspectos, vivencia a exclusão. Pode possibilitar esta inserção no mundo de várias formas e dentro de diversas perspectivas.

O trabalho, a pesquisa e produção gratificaram intensamente a todos: pais, amigos e, principalmente, as crianças protagonistas do projeto. A possibilidade que se acenou foi singular na vida de todos com esta “produção”. Os pais, durante o processo, demonstravam orgulho, orgulho dos filhos e da escola que proporcionava um trabalho tão empolgante e diferenciado.

O ano de 2005, com certeza, colocou no cenário cinematográfico personalidades mirins como roteiristas, atores, diretores e editores, funções tão importantes para que aconteça uma produção. Podemos afirmar que os conceitos estéticos, éticos e cinematográficos desenvolvidos a partir do projeto “Cidadania, infância e a estética do olhar”, ninguém nem tempo algum há de apagar.

O cinema é ainda uma “importante instância formativa” (Louro, 2000) não há como continuar negando a possibilidade de se fazer uso desta linguagem para além da simples ilustração de textos didáticos.

Terminamos o ano realizando uma outra produção cinematográfica que foi a síntese do nosso último projeto



intitulado “A Itália em nosso Estado”, que levou as crianças a fazerem descobertas sobre a ocupação do Estado de Santa Catarina e, em especial, a ocupação italiana. Fizeram descobertas sobre a constituição da Itália, hoje e ontem, seus principais expoentes artísticos, seus hábitos culturais e alimentares e um intercâmbio cultural que começa a se efetivar mediante a postagem do nosso audiovisual “Toda criança merece...”, com legenda em italiano.

O projeto “A Itália em nosso Estado” nasceu a partir do projeto anterior, pois

é assim que pensamos ser as práticas pedagógicas atuais: conectadas com as necessidades urgentes das crianças de conhecer e apreender, suas curiosidades, sua história, o mundo em que se inserem, no qual projetam seus sonhos e descobertas.

As crianças, no caso meus alunos e alunas, mais conscientes de seus direitos, de sua cultura, do acervo cultural que as rodeia, sabem que entender como se constitui o seu Estado remete, em muitos casos, a descobertas além mar.

Referências bibliográficas

Arroyo apud TEIXEIRA, Inês A. de Castro. A escola vai ao cinema. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BULARA, Bete e MONTEIRO, Marialva. Cinema : uma janela mágica. Rio de Janeiro: Memórias futuras: Cineduc, 1991.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos da educação. Petrópolis: Vozes, 2000.

DUARTE, Rosália. Cinema e educação. Belo Horizonte: autêntica, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, Sueli (org). O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas. São Paulo: Papirus, 2001.

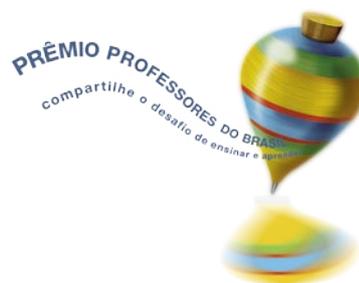
LOPES, José de Souza Miguel. Descolonizar o cinema? A educação agradece. In: Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação. Curitiba: Champagnat, 2004.



Dados de identificação:**Título:** Fazendo arte para contar a história**Professora:** Mara Aparecida Manzoli Caldeira**Co-autora:** Jucleide Blanco Benedito

Centro de Recreação e Educação Infantil

Desembargador Milton Malulei

Município/UF: Campo Grande/MS**Faixa Etária atendida pela experiência:** 4 a 5 anos

Fazendo arte para contar a história

O Centro de Recreação e Educação Infantil Desembargador Milton Malulei está localizada dentro da reserva da mata do Parque dos Poderes, no município de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, e faz parte das dependências do Tribunal de Justiça do Estado.

A instituição conta com um ótimo espaço físico, possui brinquedoteca, parques, casinha de bonecas, praças, sala de vídeo e jardins charmosos, mantidos cuidadosamente por uma equipe bastante dedicada.

Atende crianças oriundas de famílias de classe média, filhos de funcionários do Tribunal e do Fórum, bastante envolvidos com o desenvolvimento de seus filhos. Ao completarem os 6 (seis) anos de idade deixam a instituição e ingressam com autonomia no ensino fundamental.

O trabalho diário, desenvolvido na escola, com as crianças, é baseado no modelo sócio-contrutivista-interacio-

nista, no qual se enfatiza a criatividade, a capacidade cognitiva e a interação entre as crianças. Acreditamos que o desenvolvimento infantil é um processo dinâmico e que as crianças se desenvolvem ao interagir com o meio, pois este lhes oferece constantes informações, conforme afirma o teórico Jean Piaget.

Se Piaget nos assegura que as experiências com o meio possibilitam a cada indivíduo construir novas e superiores estruturas mentais, procuramos oferecer às crianças um ambiente absolutamente “rico” e estimulante, dentro e fora da instituição.

Para isso, nos valem das propostas do pedagogo francês Célestin Freinet que com suas aulas-passeio (expedições) procurou privilegiar algumas situações de aprendizagens nesse contato com a realidade.

Acreditamos também que a interação entre as crianças proporcionará avanços naquilo que elas são capazes





Crianças em visita ao Museu José Antônio Pereira

de realizar com a ajuda do outro, favorecendo assim, segundo Lev Semionovich Vygotsky, o desenvolvimento potencial de cada uma delas.

A idéia do presente projeto surgiu da constatação de uma necessidade da turma, evidenciada durante a realização de uma atividade com as crianças de 4 e 5 anos. Nesse momento, percebemos que elas sabiam muito pouco sobre o município de Campo Grande, terra onde haviam nascido.

Diante de tal situação, trouxemos, na aula do dia seguinte, um cartaz com a famosa frase patriótica do poeta Olavo Bilac “Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste”. Analisamos a frase com a turma, e a partir dela buscamos a inspiração necessária para um trabalho que despertasse o interesse das crianças pelo lugar onde vivem.

Nosso objetivo foi desenvolver na turma a criatividade, o gosto pela pes-

quisa, pela história de seu município e pelas várias formas de leitura, contando e reconstruindo um pouco da história de Campo Grande. Procuramos estabelecer comparações entre o passado e o presente, reconhecendo o homem como agente modificador da própria história, identificando as personalidades que se destacaram ao longo do tempo em nossa cidade.

Levamos, para a sala de atividades, vários portadores de textos contendo o assunto a ser pesquisado e dividimos a turma em duplas heterogêneas, com relação ao estágio da escrita, para que o material fosse analisado.

O planejamento das situações de leitura considerava que era possível ler quando ainda não se sabia ler convencionalmente. Tratamos as crianças como leitores plenos, e não como decifradores de textos, e o fato de colocarmos em duplas, com vários portado-



res de textos, facilitou as trocas entre elas, favorecendo a reflexão sobre as características do sistema de escrita. Desta forma, realizamos a descoberta de vários tipos de textos: Jornalísticos (reportagens e entrevistas), Informativos, Científicos (biografias e relatos históricos).

As atividades propostas possibilitaram a ampliação do vocabulário das crianças, tendo em vista todas as pesquisas, leitura e expedições favorecidas pelo tema proposto.

A linguagem também foi desenvolvida durante a realização de entrevistas com personalidades importantes de nosso município e com parentes dessas. A história do fundador da cidade, José Antônio Pereira, foi pesquisada pela turma.

Após muitas pesquisas montamos uma linha do tempo, com os principais momentos históricos vividos pela

gente de Campo Grande. Realizamos a comparação do passado com o presente do município e analisamos a importância da ação do homem no processo de transformação do meio.

Outros fatos descobertos pela turma foram classificados dos mais importantes aos menos importantes, de acordo com a visão da turma, e dos positivos aos negativos. Analisamos criticamente nossa cidade e construímos um cartaz com desenhos, mostrando seus pontos positivos e negativos.

Utilizamos mapas e neles localizamos o Estado de Mato Grosso do Sul dentro do Brasil, bem como, Campo Grande dentro do Mato Grosso do Sul. Em seguida, construímos, com desenhos recortados, dois mapas da cidade, sendo que um retratava o passado e outro o presente.

Depois de tantas descobertas realizamos a nossa primeira aula-passeio, que seria um *Tour* pela cidade, visitando pontos turísticos e o Museu José Antônio Pereira.

As crianças amaram a atividade! Reconheciam os lugares visitados, comparando-os com as fotos mostradas nos livros e jornais pesquisados.

Quando retornamos à instituição, relembramos os momentos vividos, registrando-os primeiramente no quadro de giz, por escrito, e, depois, as crianças registraram a atividade através de desenhos.

Isso possibilitou que as crianças colocassem em jogo tudo o que sabiam e pensavam sobre o conteú-



Pintura coletiva inspirada na obra de Humberto Espíndola



do, que gerou as atividades, uma vez que o processo que permite a construção de aprendizagens significativas pelas crianças requer intensa atividade interna por parte delas.

Dessa forma, elas estabeleceram relações entre as novas informações e os conhecimentos que já possuíam, modificando seus conhecimentos prévios, ampliando-os, em função das novas informações.

Registramos nossa pesquisa sobre a história da cidade de Campo Grande em pranchas de madeira, usando a técnica de pintura denominada “Pintura Matérica”.

Definimos as duplas de crianças e o momento da história que cada dupla representaria. Cada dupla recebeu uma prancha de madeira coberta com uma fina camada de massa corrida ainda molhada. A proposta era que desenhassem o momento histórico sobre a massa corrida, usando palitinhos de sorvete e de churrasquinho.

Depois de secas as pranchas, distribuimos as tintas, pincéis e panos úmidos para que cada prancha fosse pintada e depois, esfregando-a levemente com o pano úmido, conseguimos um efeito de pintura envelhecida, com sombreamentos. Para finalizar passamos a resina sobre cada prancha e... que maravilha!!!

Outra aula passeio foi no “Parque

do Prosa”, uma reserva ecológica onde conhecemos a Fauna e Flora de Campo Grande. Lá uma guia nos acompanhou em um passeio por uma trilha e nos ofereceu detalhadas informações.

Visando valorizar artistas locais pesquisamos a vida e as obras de Humberto Espíndola e Conceição dos Bugres. Elegemos uma tela do artista plástico Humberto Espíndola, analisamos sua obra e realizamos a releitura da mesma.

Para conhecer um pouco mais sobre Conceição dos Bugres convidamos seu neto, também artista, para uma entrevista, pois Conceição já é falecida. Na impossibilidade de fazermos a releitura de sua obra “Bugrinhos” usando ma-

deira, como nos originais, trabalhamos com a pasta de parafina que facilitou o trabalho de entalhe desenvolvidos pelas crianças.

Na medida em que o projeto avançava, mais e mais nos envolvíamos com ele.

Os familiares das crianças conheceram profundamente o trabalho que estávamos desenvolvendo com o projeto. Tivemos o cuidado para que recebessem informações freqüentes sobre o assunto, e eles foram convidados para estarem presentes em uma exposição que montamos, onde as crianças deram um verdadeiro *show*

**Tratamos as crianças
como leitores
plenos, e não como
decifradores
de textos**



de conhecimentos, relatando sobre os trabalhos expostos, as etapas vivenciadas e o conhecimento construído individual e coletivamente.

Acreditamos ser possível construir com as crianças o respeito e o orgulho para preservar a identidade de sua terra. Reverenciando o passado,

com certeza, a história será preservada e mantida na memória de todos nós.

Concluimos que não teria sentido conhecer outras histórias sem, primeiramente, conhecer a história de nossa própria terra. E foi nessa viagem cheia de aventuras que embarcamos!



Exposição dos trabalhos produzidos pelas crianças durante o projeto



Dados de identificação:**Título:** É música no ar ...**Professora:** Cristiane Lopes**Co-autores:** Magda Mariza Krauss, Rosana Réus, André Luiz de Souza, Sara Libera Crema Corrêa**Coordenação:** Lourdes Taffarel Baesso e Suzamar Renck
Centro de Educação Infantil Bem-te-vi**Município/UF:** Florianópolis/SC**Faixa etária atendida pela experiência:** 4 a 5 anos

É música no ar...

O projeto É música no ar... foi desenvolvido no Centro de Educação Infantil Bem-te-vi, na cidade de Florianópolis, com a turma 4B, composta por 18 crianças com idade entre 4 anos e meio a 5 anos.

O Centro de Educação Infantil Bem-te-vi pertence à Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, conta com 10 salas nas quais são atendidas 160 crianças de 4 meses a 6 anos de idade, oriundas de famílias de classe média.

Desde o início do ano letivo observávamos o repertório musical que as crianças traziam para a instituição e nos preocupávamos, pois constatamos a forte influência da mídia no universo cultural dos pequenos. Muitos programas de televisão que eles assistem passam um erotismo adulto para as crianças - as meninas são transformadas em pequenas adolescentes - que não possuem capacidade de avaliar, sozinhas, uma atitude que a mídia coloca como normal.

Partindo desta constatação e com a

intenção de ampliar o acervo musical das crianças foi proposto o desenvolvimento de um projeto, intitulado pelo grupo de *É música no ar...* Esse teve como objetivo proporcionar à turma a vivência com diversos ritmos musicais e, assim, a ampliação do universo cultural das crianças, bem como de sua linguagem e expressão corporal.

Aprender música é prazeroso em qualquer idade e principalmente para a criança. A música é uma das linguagens mais presente no cotidiano delas, desde bebês elas estão imersas em um universo onde as melodias das canções de ninar, rimas, cantigas de rodas e etc... encantam os que ouvem. A música mantém forte ligação com o brincar por envolver gestos, movimentos, canto, dança, faz-de-conta e jogos.

Percebemos que a música possui um papel significativo no cotidiano das crianças e de seus familiares e sabemos que conhecer diferentes estilos musicais contribui para a formação cultural e a cidadania.



Segundo autores estudados “Fazendo música as crianças também pensam sobre música; partindo de sua própria experiência, com as vivências e conhecimentos já conquistados, contextualizam o fazer numa dimensão mais ampla e rica, refletindo desde então, sobre a importância e o papel que a música tem no conjunto de valores constituidores da cultura humana” (BRITO, 2003, p.15).

A música é mais do que arte de combinar sons é uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro, sendo assim, a música pode fortalecer e dar o “tom” no trabalho pedagógico, possibilitando um ambiente de descoberta e revelação interna a partir do fazer musical.

A música é uma linguagem que se traduz em formas sonoras, capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos.

Nas ações planejadas tivemos a oportunidade de explorar essas diferentes linguagens, vivenciar e estimular a expressão do corpo, o movimento, a emoção e a afetividade. Citando a filósofa Délia [...] *Há muitos homens que expressam sua verdade através da Beleza do som. E é certo que se deixássemos penetrar essa harmonia na mais profundo de nosso ser, muitas angústias seriam varridas, como por arte de magia: O ritmo universal terá colocado ordem em nosso micro universo que chamamos “homem”.*

Dando início ao trabalho de explora-



Visitas de músicos enriqueceram o projeto

ção do universo musical das crianças, construímos um painel no qual foram apontadas as cantigas preferidas das crianças, resgatando também o acervo musical vivenciado na instituição.

Sentindo a necessidade das crianças em diferenciar conceitos de música e músico, realizamos uma pesquisa científica sobre seus conceitos.

Considerando a música e a dança como parte da nossa vida, da nossa existência enquanto sujeito histórico, pesquisamos também a história da música, tendo como destaque as teorias de Pitágoras¹ e André Schaeffner².

¹(cerca se 540 a.c) partiu de uma idéia dos antigos egípcios, desenvolveu uma teoria em que os planetas movendo-se no espaço emitiam um determinado som e cada som correspondia a uma nota (JEANDOT, 1985 p.13).

²(cerca de 1928) vincula o surgimento da música ao interesse do homem primitivo pelos movimentos e pelos gestos por eles produzidos e pelos sons oriundos da natureza (JEANDOT, 1985, p.14).



Neste sentido coloca-se que *Existem muitas teorias sobre a origem e a presença da música na cultura humana. A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas* (SHAFER, apud BRITO, 2003. p.20).

Outra atividade proposta envolveu a pesquisa sobre diferentes instrumentos musicais, e também teve por objetivo aproximar a família do trabalho desenvolvido na instituição. As crianças conheceram e classificaram diferentes instrumentos na sala de atividades, posteriormente, junto com suas famílias, construíram alguns instrumentos.

Proporcionamos a elas, desta forma, conhecer outros instrumentos favorecendo o contato direto no qual aprenderam a distinguir um instrumento do outro, além de identificar e nomear os mesmos como sopro, teclado, percussão ou corda.

Onde tem música tem dança e as crianças geralmente sentem grande prazer em dançar. Por considerar esta característica, passamos para a próxima ação: Ritmo e Movimento.

Dando continuidade a pesquisa histórica e ao reconhecimento dos diferentes instrumentos musicais, expandimos o repertório musical do grupo, incluindo músicas folclóricas, eruditas, clássicas, instrumentais, de outros povos, criando situações que as crianças puderam dançar, expressar-se

corporalmente, ampliando seus movimentos, seus limites e ritmos. Percebemos o interesse da turma pela escuta dos sons dos instrumentos, e ampliamos seu conhecimento para além do manuseio, exploramos os sons, arranjos e o instrumento em si.

As crianças vivenciaram a sintonia do Eu com o Mundo, pesquisando os sons que nos rodeiam e o silêncio que nos habita, tendo por objetivo abordar a diversidade dos sons, da natureza, do corpo, dos objetos, dos animais, dos instrumentos musicais e do silêncio.

Após o relato de uma das crianças sobre um momento musical vivido em família que gerou uma discussão na turma sobre que somente adulto sabe tocar instrumento, iniciamos uma pesquisa sobre crianças famosas, entre elas Chopin, Brahms, Villa Lobos e Mozart. Analisamos uma coleção de livros sobre crianças famosas e descobrimos a história de cada músico. A partir dessas descobertas construímos



Crianças vivenciando a dança, ritmo e movimento



um painel informativo sobre os artistas pesquisados e uma linha do tempo.

Pesquisamos a trajetória das reproduções musicais desde o disco de vinil, fita cassete, CD até o DVD. Os materiais coletados e as descobertas sobre novos ritmos musicais animaram a turma para a realizamos de “bailinhos” que envolviam estes recursos citados acima.

Fizemos ainda atividades de registro sobre nossas descobertas por meio de recorte, colagem, pintura, desenho, papietagem³, modelagem, montagem em papel. As pesquisas e a apreciação musical se estenderam através da observação de fotografias, filmes, visitas à Biblioteca Pública, a escola de música, a lojas de instrumentos musicais, ao museu Cruz e Sousa (Museu Histórico de Santa Catarina), a escola de dança, entre outras atividades, que possibilitaram a construção de conhecimentos pela turma a respeito do tema.

Essas vivências foram planejadas de acordo com a curiosidade e interesse da turma em desvendar o mundo da música. As conversas, hipóteses construídas pelas crianças, pesquisas e produções foram significativas para todos, pois possibilitaram novas expe-

riências, socializações e liberdade de expressão.

Assim, a música em sua diversidade e riqueza, permitiu-nos conhecer melhor a nós mesmos, o outro e suas possibilidades.

Observamos grande interesse das crianças pelo projeto, pois elas gostam de ouvir os sons, cantar canções e muitas delas já conheciam algum instrumento musical.

O projeto mostrou o quanto é diversificado o universo da música, não só como atividade lúdica, mas como patrimônio cultural ao qual todo cidadão tem direito ao acesso. Percebeu-se que a música está presente no cotidiano das crianças, nas rádios, tevê, vídeos, músicas infantis,

brinquedos cantados, entre outras, e que esse espaço é rico em aprendizado, embora, muitas vezes este seja negligenciado pelos adultos.

Percebemos o comprometimento das crianças em querer aprender novas canções, a música passou a estar tão presente no cotidiano do grupo, que só em ouvir uma música, elas percebiam, sentiam sua melodia e arriscavam-se em nomear os instrumentos utilizados naquele arranjo. A música contagiou a todos e o projeto se es-

O projeto mostrou o quanto é diversificado o universo da música, não só como atividade lúdica, mas como patrimônio cultural ao qual todo cidadão tem direito ao acesso

³Derivada das técnicas de reciclagem e do papel machê, a técnica apresentada utiliza o papel que é transformado em uma massa versátil que na consistência exata pode ser modelada e pintada.



tendeu ao longo do ano letivo.

O trabalho possibilitou às crianças a construção de conhecimentos e o sentimento de confiança em suas capacidades afetivas, social e cognitiva. Pode-se ampliar as atividades criando com as crianças letras de músicas e com elas interpretá-las.

Constatou-se que os objetivos foram alcançados e espera-se que o projeto venha contribuir para outras práticas pedagógicas, visando aprendizagens mais significativas e prazerosas.

Acreditamos que as vivências realizadas no grupo com o projeto *É música no ar...* foram de grande importância no desenvolvimento da linguagem musical e de muitas outras linguagens, pois a música é excelente ferramenta para integração das diversas áreas do conhecimento e que esta não pode ser negligenciada em nossa prática pedagógica. Assim, integrar a linguagem musical ao contexto educacional, é possibilitar a criança, de forma lúdica, ampliar e modificar seus conhecimentos.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Formação pessoal e social. Referencial curricular nacional para educação infantil. Volume 2, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, T. A. Música na educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CRAYDI, M.; KAERCHER, G. E. P. da Silva. Educação Infantil: para que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.

KAROLY, O. A introdução à música. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

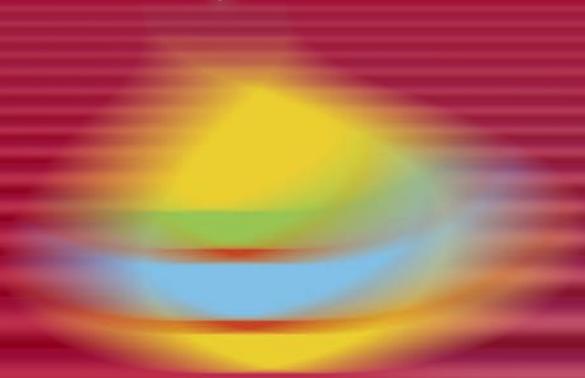
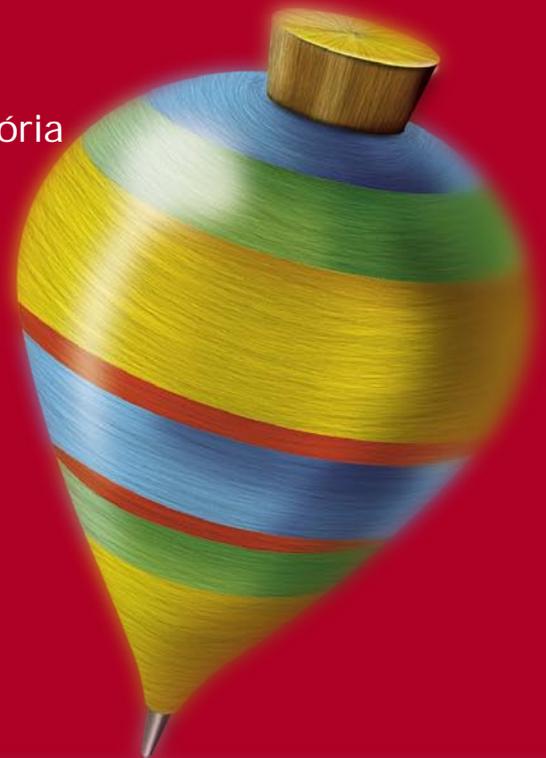
SANTA CATARINA. Secretaria do Estado de Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: temas multidisciplinares; disciplinas curriculares. Florianópolis; Cogen, 1998.



2

Pluralidade Cultural, Cidadania e História

- . Intercâmbio cultural: indígenas e não-indígenas
- . A mãe África e seus filhos brasileiros
- . Negro que te quero negro
- . Pregoeiros: conhecendo um pouco dessa história
- . Educação no trânsito



Dados de identificação:

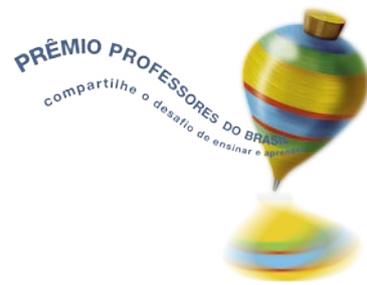
Título: Intercâmbio cultural: indígenas e não-indígenas: respeitando as diferenças, repudiando as injustiças e discriminações

Professora: Cristina Pires Dias Lins

Escola Municipal Neil Fioravanti – Unidade CAIC

Município/UF: Dourados/MS

Faixa etária atendida pela experiência: 8 a 11 anos



Intercâmbio cultural: indígenas e não-indígenas respeitando as diferenças, repudiando as injustiças e discriminações

O presente trabalho foi desenvolvido no segundo bimestre do ano de 2004, pela turma da 1ª série do Ensino Fundamental, com o tema “Intercâmbio Cultural: Indígenas e Não - Indígenas Respeitando as Diferenças, Repudiando as Injustiças e Discriminações”.

A temática surgiu na própria sala de aula e partiu das falas preconceituosas e curiosidades que os educandos demonstravam em relação aos indígenas. Apesar dos relatos serem um pouco distorcidos, foram de grande valia, pois demonstravam a visão de mundo que eles tinham e, também, historicamente adquiridos pela sociedade em que estão inseridos.

Os objetivos foram pautados visando promover o conhecimento, o respeito pela comunidade indígena e o

repúdio às injustiças e discriminações. Buscaram alicerçar atitudes de cidadania, indispensáveis para se conviver numa sociedade democrática, pluralista e mais solidária.

O desenvolvimento do projeto teve como base legal a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, especialmente nos seguintes aspectos:

Art.3º

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

X - valorização da experiência extra-escolar;

Art. 27

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

Art. 32 IV - o fortalecimento dos vín-



culos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Considerou, também, alguns aspectos dos princípios fundamentais da Constituição da República Federativa do Brasil:

Art. 3º

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, etnias, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Os conteúdos foram trabalhados de forma interdisciplinar, considerando o conhecimento prévio dos educandos e suas experiências extra-escolares

Pautados nesses aspectos e princípios, foram realizadas várias assembleias onde educandos, educadora, familiares, coordenação, direção e demais envolvidos decidiram participar das atividades desenvolvidas (pesquisas, palestras, intercâmbio cultural, passeios, atividades grupais, individuais, coletivas e outras).

Os conteúdos foram trabalhados de forma interdisciplinar, considerando o conhecimento prévio dos educandos e suas experiências extra-escolares.

A turma participou das pesquisas sobre o histórico da comunidade indígena e os alunos puderam compreender as perseguições que esta sofreu.

Através do intercâmbio cultural, vivenciaram o modo de vida deles, trocaram idéias, ficaram amigos e perce-

beram que possuem muitas coisas em comum. Com isso, abandonaram o preconceito que, antes, existia.

Constataram, também, que a maioria dos índios possui uma vida precária e sem condições dignas. Diante dessa constatação, comoveram-se e decidiram, por meio de uma assembleia,

iniciar uma campanha de solidariedade na qual a comunidade contribuiu com diversos produtos que foram destinados aos indígenas.

A turma percebeu, então, que os indígenas precisavam bem mais do que uma campanha humanitária. Eles precisavam resgatar sua

dignidade, um meio de poder sobreviver e ter uma qualidade de vida melhor pelos seus próprios esforços.

Foi aí que decidiram e criaram, também, em assembleia, um projeto que foi enviado à Câmara Municipal da nossa cidade. Reivindicavam uma série de medidas que foram votadas e aprovadas, sendo que algumas se transformaram em “Indicações” e outras em “Projetos de Lei”.

A turma ficou muito feliz, pois exerceu a cidadania junto ao Poder Público. Ansiosa, aguarda que a Prefeitura Municipal coloque os projetos em prática, pois acredita que contribuirão para a inclusão social dos indígenas, possibilitando-lhes uma vida mais digna.





Maquete montada representando como os indígenas viviam em harmonia com a natureza, antes da chegada dos portugueses

Os educandos foram avaliados durante todo o processo e realizaram diversas atividades nas quais a busca pela alfabetização esteve sempre presente.

Cada aluno montou um livro referente ao que foi estudado, bem como um álbum com as fotos sobre o desenvolvimento de todo o trabalho.

Finalizamos o projeto com uma confraternização, onde indígenas e não-indígenas realizaram apresentações para a comunidade local, demonstraram a importância da paz entre os povos, bem como da inclusão social.

O projeto foi de grande valia e os objetivos foram além das expectativas, pois os indígenas e não-indígenas quebraram as barreiras do preconceito, se integraram, aceitaram as diferenças e reconheceram que possuem muitas coisas em comum.

“A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça, equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social.”

P.C.N. Pluralidade Cultural

Ao término do primeiro bimestre, estudávamos o corpo humano e suas características físicas. Os educandos observavam-se no espelho e descreviam a cor dos olhos, da pele, dos cabelos.

Após essa observação, passamos a relacionar as semelhanças, diferenças entre as pessoas da sala e, posteriormente, comparamos nossas diferenças



e semelhanças físicas em relação a outros povos existentes em nossa cidade.

A aula que até então, aparentemente, problematizava a questão sem encontrar indícios de discriminação, tornou-se, repentinamente, bombardeada por falas distorcidas onde os educandos começaram a fazer comentários que marginalizavam e discriminavam a comunidade indígena local.

Nesse momento, percebi que precisava ter calma e agir com naturalidade, pois os educandos não podiam ser considerados ingênuos ou maldosos, mas, sim, críticos que expressavam a visão de mundo que tinham.

Procurei, então, ouvi-los, sem recriar, para não quebrar a participação e o elo que deve existir entre educador e educando.

Nós, educadores, além de considerarmos o que eles falam, precisamos investigar o porquê eles pensam assim. Para mim, foi de suma importância levantar, através de questionamentos, as explicações das falas.

As falas, aqui relatadas, estão da maneira original que eles usaram para se expressar.

Wendell: Eu tenho medo dos índio!

Questionado: Por que você tem medo deles?

Explicativa: Por que eles usam flechas e matam a gente para comer!

José H: Os índios não gosta dos branco!

Questionado: Por que você acha que eles não gostam dos brancos?

Explicativa: Não sei, professora!

Sarah: Eu tenho medo deles robar as coisa!

Questionado: Será que todos eles roubam?

Explicativa: Roba!

Mariany: Eles não estudam!

Questionado: Será que nenhum índio estuda?

Explicativa: É, eles são pobres!

Larissa L: Os índio também não trabalha!

Questionado: Como eles sobrevivem então?

Explicativa: Não sei!

Rafaela: Eles usa roupas suja, velha e rasgada!

Questionado: Todos eles se vestem assim?

Explicativa: Sim, porque eles não têm dinheiro para compra!

Sabemos que as falas dos educandos retratam o conhecimento que eles adquirem no decorrer da sua história de vida, em contato com a família ou com a sociedade que os rodeia.

Tendo em vista que a escola é parte integrante dessa sociedade, ela deve cumprir seu papel que é, especialmente, perceber o educando como um ser em formação, dar espaço para ele se manifestar e refletir sobre a cidadania, mudando positivamente suas atitudes, valorizando e respeitando a vida em coletividade.



Professora indígena, Luciane, cantando com a turma



Diante disso, propus que realizássemos um estudo para conhecer melhor a comunidade indígena da nossa cidade. Ressaltei que o estudo poderia sanar nossas dúvidas e seria muito interessante para a turma.

Os alunos aceitaram animados e se propuseram a participar do projeto.

O desenvolvimento do trabalho aqui apresentado foi fundamentado teoricamente por vários documentos que legitimam e orientam a busca de transformação da realidade:

■ Brasil. Constituição Federativa do Brasil/1998.

■ Brasília. Dezembro/1996 - L.D.B.E.N- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

■ Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – Brasília: MEC, SEF, 1997.

■ Freire, Paulo- Pedagogia da Autonomia- Saberes necessários à prática educativa- p.35.

■ P.P. Proposta Pedagógica-Prefeitura Municipal de Dourados - Secretaria Municipal de Educação - Escola Municipal Neil Fioravanti.

Objetivos a partir do que foi compartilhado junto aos educandos:

Os objetivos visaram à inclusão social por meio do conhecimento, da reflexão e do repúdio às injustiças e discriminações. Buscaram alicerçar a amizade entre indígenas e não-indígenas, bem como promover atitudes de cidadania, tão indispensáveis para se conviver numa sociedade democrática, pluralista e mais solidária.

Para a organização do planejamento

em relação aos objetivos, aos conteúdos e à contextualização, para cada área de conhecimento foram estabelecidas as seguintes categorias:

a) Objetivação;

b) Problematização (conteúdos relacionados a valores, normas e atitudes);

c) Situações de aprendizagem, Instrumentalização e Avaliação.

A seguir, alguns exemplos da caracterização de cada área segundo as categorias acima descritas.

HISTÓRIA e GEOGRAFIA

Objetivação:

- ser parte integrante de todo o processo de ensino e aprendizagem fazendo valer e exercendo sua cidadania;

- conhecer o histórico da comunidade indígena;

- compreender e comparar acontecimentos que retratam os motivos pelos quais a maioria dos indígenas vive precariamente;

- vivenciar in loco a forma de vida dos índios da aldeia, compreendê-la e valorizá-la, bem como ampliar o conhecimento sobre a história dessa comunidade.

Problematização:

A Localidade/Comunidade Indígena.

- levantamento de semelhanças e diferenças sobre o modo de vida dos indígenas em relação aos não-indígenas, por meio de pesquisas, palestras, debates e opiniões respeitadas entre si;

- verificação do território onde habitam, intercâmbios e visitas entre os indígenas e os não-indígenas;

- registro em diferentes formas: textos, livros, filmagens, painéis, entre outras;



- elaboração de projeto reivindicando melhorias nas condições de vida dos indígenas.

Situações de Aprendizagem, Instrumentalização e Avaliação:

- consultas feitas à turma para tomada de decisões;
- trabalho interdisciplinar;
- integração dos pais e demais representantes da comunidade escolar;
- levantamento dos conhecimentos prévios;
- intercâmbio no qual os alunos foram à aldeia e intermediaram situações para integração dos indígenas;
- apresentações teatrais, musicais, exposições de trabalhos e fotos e integração com os indígenas;
- formulação de hipóteses, perguntas e respostas.

LÍNGUA PORTUGUESA

Objetivação:

- utilizar a linguagem oral sabendo adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram debates no grupo, com a finalidade de expressar sentimentos, idéias e opiniões;
- intercâmbios por correspondência e orais com a comunidade indígena;
- reconhecer a importância da linguagem escrita para o registro de dados e para o cotidiano.

Problematização:

1- Língua Oral – Usos e Formas.

- situações que requeiram ouvir com atenção, intervir sem sair do assunto tratado, formular e responder perguntas, explicar e ouvir explicações, manifestar e acolher opiniões e propor novos temas;
- exposições orais e respeito diante

das colocações de outros.

2- Língua Escrita – Usos e Formas.

2.1 Prática de leitura:

- escuta de textos lidos pelo professor;
- emprego dos dados obtidos pela leitura para confirmação da eficácia da escuta.

Situações de Aprendizagem, Instrumentalização e Avaliação:

- produção coletiva de regras, em forma de contrato, proporcionando o exercício da cidadania, o respeito mútuo e colaboração;
- diálogos para levantar o conhecimento prévio, exploração da temática e de novas idéias;
- leituras informativas, atividades grupais e individuais;
- identificação e leitura das letras do alfabeto e uso adequado do caderno, respeitando pautas, margens, páginas e espaços.

MATEMÁTICA

Objetivação:

- construir o significado do número natural a partir de seus diferentes usos nos contextos sociais indígenas e não-indígenas, explorando situações problemas que envolvam contagens, medidas e códigos numéricos;
- interpretar e produzir escritas numéricas levantando hipóteses sobre elas, utilizando-se da linguagem oral, de registros informais e da linguagem matemática;
- por meio de situações problemas, construir os significados das operações fundamentais;
- desenvolver os procedimentos de cálculo mental, escrito, exato e aproximado;





Finalmente as turmas passeiam integradas

- identificar o uso de tabelas e gráficos para uso no projeto.

Problematização:

Conteúdos Conceituais e Procedimentais: números naturais e sistema de numeração decimal.

- reconhecimento de números no contexto diário dos indígenas e não-indígenas;

- diferentes estratégias para identificar números em situações que envolvam contagens, leitura, escrita, comparação e ordenação de números;

- adição e subtração por meio de situações problemas;

- gráficos e tabelas para representar quantidades e tratamento da informação;

- desenvolvimento de atitudes favoráveis à aprendizagem.

Instrumentalização:

- diálogo, coleta, organização e descrição dos dados coletados;

- listas, tabelas, contagens, leitura dos numerais, escrita, comparação e ordenação dos números;

- conhecimentos das relações que os indígenas e não-indígenas têm em comum com a matemática;

- atividades para socialização dos dados e valorização das conquistas.

CIÊNCIAS

Objetivação:

- observar, identificar e registrar características do corpo humano respeitando as diferenças individuais;

- conhecer, diferenciar e valorizar o ambiente natural e cultural da comunidade indígena;

- reconhecer a importância da preservação ambiental.

Problematização:

Conteúdos.

- valorizar as diferenças e semelhan-



ças por meio da comparação entre as características físicas de indígenas e não-indígenas;

- conhecimento do ambiente natural e cultural;
- comunicações orais e escritas de suposições, dados e conclusões.

Instrumentalização:

- por meio do conhecimento prévio dos assuntos estudados, realizar pesquisa de campo na aldeia indígena para observar seu modo de vida;
- socialização das observações;
- construção de painéis, tabelas, desenhos e fotos para demonstrar os dados coletados;
- estímulo a atitudes positivas de valorização das diferenças e momentos de reflexão sobre tudo que foi estudado e a preservação ambiental.

ARTES

Objetivação:

- expressar e saber comunicar-se em artes, mantendo uma atitude de busca pessoal e coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados nas Artes Visuais, na Música, na Dança e no Teatro;
- conhecer e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas culturas indígenas e não-indígenas.

Problematização:

- Conteúdos. Expressão e Comunicação na Prática dos alunos em Artes Visuais.
- desenho, pintura, colagem e gravura;
 - experimentação e utilização de

materiais e técnicas artísticas (massa de modelar, cola, tesoura, lápis, papel, entre outros) para reconhecer que indígenas e não-indígenas podem se expressar por meio da arte.

Instrumentalização:

- desenhos, pinturas, recortes, colagens e painéis para representação das informações coletadas;
- passeio pela aldeia;
- apresentação de músicas cantadas pelos indígenas em língua portuguesa e guarani;
- peças teatrais para o fortalecimento e valorização do respeito mútuo.

TEMAS TRANSVERSAIS E ÉTICA

Objetivação:

- adoção de atitudes de respeito às diferenças entre as pessoas necessário para o convívio numa sociedade democrática;
- atitudes cotidianas de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças e discriminações;
- compreensão da vida escolar como participação no espaço público, utilizando e aplicando os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade solidária.

Problematização:

- respeito pelo ser humano independente de sua etnia, origem social, sexo, cultura, opinião e religião;

Instrumentalização:

- diálogo e trabalhos em grupos para a promoção do respeito mútuo, a justiça e a solidariedade;
- revisão de pontos de vista distorcidos.

Os educandos foram avaliados du-



rante todo o processo de ensino e de aprendizagem, por meio de:

■ **Avaliação inicial:**

Foram avaliados os conhecimentos de mundo através das falas e explicações iniciais;

■ **Avaliação contínua (cidadania):**

Foram avaliados pelo interesse, participação, respeito mútuo e colaboração no decorrer do desenvolvimento do estudo;

■ **Avaliação formativa:**

Foram avaliados em relação as mudanças de atitude frente ao conhecimento adquirido, situação na qual puderam refletir o que não conheciam e passaram a conhecer, contando com o estímulo da educadora que foi ressaltando o quanto eles avançaram;

■ **Avaliação qualitativa e quantitativa:**

Os educandos realizaram uma avaliação integrada (que envolveu todas as áreas), onde puderam documentar o que foi ampliado em relação ao seu conhecimento de mundo, bem como em relação ao seu conhecimento frente aos conteúdos;

■ **Auto – avaliação do educando:**

Eles puderam se auto-avaliar e refletir sobre si mesmos e sobre o meio que estão inseridos;

■ **Auto-avaliação da educadora:**

Eu me auto-avalei constantemente. Mudei minhas atitudes e procedimentos, sempre que necessário. Procurei estimular os educandos, familiares e comunidade em geral.

Considerando o conhecimento prévio e o conhecimento socioeconômico e cultural adquirido com o projeto tra-

balhado, percebi que os objetivos compartilhados foram alcançados, pois os educandos:

■ Integraram-se em todo o processo de ensino e aprendizagem e fizeram valer sua cidadania;

■ Conheceram o histórico da comunidade indígena, mudaram positivamente suas atitudes, falas e conceitos, antes distorcidos;

■ Adotaram o respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito necessário ao convívio harmonioso entre os povos;

■ Participaram e promoveram a inclusão social através do intercâmbio cultural, do envolvimento da comunidade, da integração dos funcionários. Todos se conscientizaram da necessidade da paz, da solidariedade, da cooperação, do respeito mútuo e da justiça;

■ Ampliaram o domínio da leitura e da escrita por meio de atividades diversificadas e do intercâmbio de correspondências entre eles e os indígenas da cidade.

Historicamente, inúmeras pessoas viveram situações de discriminação e o pior, é que muitas ainda vivem.

Não podemos mais conviver em um mundo tão diversificado sem respeitar as diferenças.

Não podemos deixar nossos educandos alicerçarem idéias distorcidas e impostas pela sociedade.

Devemos, por meio do diálogo, da ética, da cautela, do respeito, da pesquisa, promover meios de ampliar o conhecimento para assegurar a compreensão e a valorização em relação a outros povos.

Diante dos objetivos levantados, em



relação ao que foi alcançado, concluo que o projeto foi além do esperado, pois, ao conhecer, compreender, respeitar e valorizar a realidade da comunidade indígena, os educandos também puderam interferir nessa realidade de forma positiva.

Eles contribuíram para mudar, positivamente, a realidade, pois recorreram ao Poder Público em busca de uma sociedade mais digna, inclusiva e democrática.

Nós, professores, devemos entender que os educandos, através das falas e atitudes, nos dão pistas do que querem

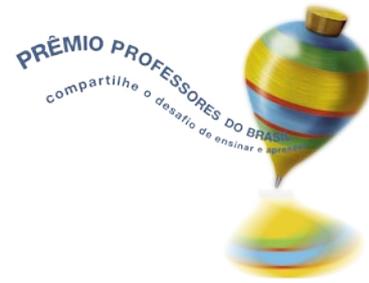
e do que realmente precisam estudar. Não podemos deixar essas pistas de lado e impor o que queremos ensinar. Devemos tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e isso só ocorrerá se fluir do educando e não do educador!

Sendo assim, o projeto foi de grande valia, pois, todos os envolvidos aprenderam um com o outro, estreitaram os laços, tanto familiares quanto sociais e, juntos, contribuíram para a inclusão social. E quem sabe, assim poderemos mudar, positivamente, o rumo da nossa história.



Intercâmbio cultural: escrevendo cartas para os indígenas



Dados de Identificação**Título:** A mãe África e seus filhos brasileiros**Professora:** Juceli Hack de Oliveira**Escola Municipal de Ensino Fundamental****Vereador Arnaldo Reinhardt****Município/UF:** Novo Hamburgo/RS**Faixa etária atendida pela experiência:** 5 e 6 anos

A mãe África e seus filhos brasileiros

Resgatando a cultura afro-brasileira no jardim nível 6

O trabalho *Mãe África e seus filhos brasileiros: resgatando a cultura afro-brasileira no Jardim Nível 6* foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vereador Arnaldo Reinhardt, com a turma do Jardim Nível 6 B, cujas crianças tinham entre cinco anos e meio e seis anos.

A escola está situada na periferia da cidade de Novo Hamburgo (RS), em um bairro que concentra um grande número de indústrias calçadistas.

A comunidade é carente, existem poucas alternativas culturais e de lazer nas proximidades. Atualmente, a escola recebe a comunidade aos finais de semana no projeto Escola Aberta, nesses dias são desenvolvidas diversas oficinas. Para 2006 está prevista a implementação de aulas de capoeira, fruto do projeto, aqui apresentado, desenvolvido com as crianças.

Apesar da valorização do tradicionalismo gaúcho, a cultura européia está

muito presente em vários aspectos da cultura de nossa cidade, pois Novo Hamburgo está situada em uma região de colonização alemã que se iniciou há mais de 180 anos.

Inicialmente, acreditava-se que a maior parte das crianças era descendente desses alemães e não havia nenhuma criança negra na turma. Foi observado que quando alguém da turma se referia às crianças negras de outras turmas, chamavam-nas de pretas ou negrinhas, como se elas não tivessem uma identidade própria.

Além disso, um desentendimento entre dois meninos na entrada da escola alertou sobre a necessidade de abordar o tema da diversidade cultural com as crianças.

Certo dia, a turma recebeu um novo colega, Lucas, um menino negro recém-chegado na cidade. Seu ingresso na turma aconteceu em clima de amizade e aceitação, até ocorrer a primeira dispu-





Rodinha de Capoeira

ta por um brinquedo entre ele e outro colega, nesse momento veio à tona um preconceito inconscientemente adormecido: Este carrinho é meu, negro!

A professora não poderia julgar que as crianças estavam tendo atitudes racistas, afinal, tratavam-se de meninos e meninas em fase de formação da personalidade e estavam apenas reproduzindo o que viam acontecer em seu meio social. Mas, a ofensa ao colega foi a indicação de que um trabalho de conscientização deveria começar logo.

Posteriormente, a chegada de um segundo colega, Gabriel, que já havia sido aluno da escola, aconteceu quando Lucas retornava repentinamente para sua cidade natal. O clima de não aceitação

acontecia agora em ordem inversa, pois Gabriel era uma criança negra que sentia-se diferente das demais.

Aos cinco ou seis anos as crianças ainda não desenvolveram plenamente sua consciência moral e, portanto, seria contraditório afirmar que a atitude das crianças era de segregação, como se realmente quisessem discriminar o novo colega por ser negro. Nessa faixa etária, é comum a criança ser influenciada por tudo o que a mídia e o seu meio social apresenta, como expressões e costumes. Durante essa fase de muita curiosidade, o que ela faz é absorver a forma como o outro, seja ele um adulto ou adolescente, muitas vezes de sua própria família, faz ou se expressa; a



criança espelha-se no outro. É o que explica FICHTNER (in AZEVEDO, SANTOS e SILVA, 1997), ao abordar os estudos vigotskianos, afirmando que a consciência e a vontade fazem parte de qualquer forma superior de percepção do mundo, como sentimentos ou pensamentos, e o processo psíquico, ou seja, a formação psíquica da criança, parte de uma vontade particular de sujeitos que lhe darão respostas. É na família que a criança encontra o seu primeiro referencial e o utiliza para elaborar sua visão de mundo.

Assim sendo, entende-se que a criança colhe do meio, no qual está inserida, uma “linguagem social”, para expressar emoções. FREITAG (1984), ao citar a abordagem de Vygotsky sobre o pensamento e a linguagem da criança, relacionando-os a um “estágio pré-intelectual da fala” e de um “estágio pré-lingüístico do pensamento”. Dessa forma, a criança desenvolveria ambos e amadureceria a ponto de poder pensar lingüística e verbalizar intelectualmente.

Se Vygotsky constata que a criança se torna mais consciente após internalizar a linguagem social, o teórico suíço, Jean Piaget, que categoriza a vida infantil em estágios de desenvolvimento

moral, demonstra que, por volta dos seis anos, a criança é moralmente heterônoma e tende a considerar as regras como deveres externos, não elaborados como obrigações da consciência (FREITAG, 1984, p. 48).

Esses estudos trouxeram indicações sobre como ajudar as crianças a compreender as regras, ou seja, entender que você não pode magoar o(a) outro(a) por sentir-se diferente dele(a), quando elas ainda estão em processo de elaboração da chamada moralidade, da consciência sobre o que se atribui como certo e errado, como desejável e não desejável. Neste período em que as crianças estão desenvolvendo uma personalidade menos heterônoma, ao vivenciar momentos de respeito às diferenças, sejam elas quais forem, constroem a própria consciência.

Segundo afirma FICHTNER *A construção deste núcleo não é um processo de copiar uma realidade externa e social, ao contrário, é um processo ativo onde o indivíduo constrói-se como sujeito, transformando as relações sociais em funções psicológicas superiores (...) assim, a consciência é, no fundo, um contato social do indivíduo com si mesmo e com a realidade* (FICHTNER, in

Valorizando a diversidade e atuando juntos somos mais fortes. Como diz a sabedoria popular: nunca seremos tão fortes como quando estamos juntos

¹ de Vygotsky



AZEVEDO, SANTOS e SILVA – org., 1997, p. 153)

Assim sendo, cada sujeito irá interagir com seu meio e constituir a própria individualidade de forma bem particular. Sua maneira de olhar o mundo não seguirá um modelo, também será particular. Numa perspectiva pós-modernista, a questão das diferentes leituras de mundo é abordada por SILVA (1995, p. 141), como uma possibilidade de desenvolver a criticidade e a capacidade de fazer escolhas conscientes, sendo que para tanto é necessário fazer uso da criatividade para construir e reconstruir conceitos.

As crianças convivem desde cedo com a diversidade, ela está viva no dia-a-dia e se torna necessário interagir, conhecer sobre si mesmo, compartilhar experiências para percebê-las e valorizá-las, reconhecendo que a diversidade enriquece nossas relações e ações.

A turma pesquisou a cultura afro-brasileira não com o objetivo de constatar que pessoas negras são representadas há séculos como sofredoras, mas porque é direito de todas as crianças conhecerem a história de seu povo, assim como de outros povos que estão presentes na história do nosso país, pois valorizamos mais aquilo que conhecemos.

Cada sujeito elabora os estímulos e respostas que recebe de seu meio, transformando-os em formas de relações sociais e em estruturas para interagir com o mundo à sua volta (FICHTNER, 1997). Para Gabriel, que vivia um momento de reaproximação em relação à turma, essas estruturas estavam sendo reformuladas, não aceitando passiva-

mente o novo, representado pela escola e pela educação em si (FERREIRA, 2003). Gabriel não parecia considerar tão importante conhecer a cultura de sua origem, mas sim conquistar o respeito de todos.

Pensando a prática de forma crítica, é preciso lembrar de que cada criança interpretará os estímulos que o mundo lhe traz de forma diversa e uma prática educativa não tem efeitos previsíveis. Como nos afirma SACRISTAN Precisaremos caminhar sabendo que a ação de educar obtém efeitos não-controláveis nem previstos nos fins explícitos no plano prévio (SACRISTAN, 1999, p. 155).

A partir do momento em que o professor questiona e contesta o conteúdo curricular abre-se um espaço para o novo. No desenvolvimento do trabalho as crianças e a professora juntas puderam dialogar sobre temas diversos sem abordá-los diretamente, ou seja, despertando a curiosidade sobre uma cultura até então desconhecida para o grupo, chegou-se a um consenso quanto à importância das diferentes etnias da turma, valorizando sua contribuição para a cultura brasileira e gaúcha, vivenciando situações que levaram ao entendimento de que as diferentes origens somaram-se na construção da nossa história através do tempo.

Um dos principais objetivos do trabalho foi despertar entre as crianças a noção de igualdade, de forma atraente, conhecendo as diferentes etnias presentes na turma, anulando o preconceito e valorizando as contribuições da herança africana para a cultura brasileira.

Com a parceria de um Irmão Marista,





Ilustração para o conto "Pássaro da Chuva" feita com elementos da natureza



que morou por 32 anos em Moçambique, a turma assistiu a documentários em vídeo e viu fotos de uma escola de Maputo. A partir daí conhecemos um pouco da África, suas paisagens e as semelhanças e diferenças existentes entre aquele país e o nosso Brasil.

Após a leitura do livro *O Pássaro da Chuva* (Bermond, 1971), as crianças puderam compreender um pouco mais sobre o respeito que o povo das aldeias africanas tem pelos animais e pelo meio ambiente, mesmo que muitas vezes a vida seja levada com dificuldades naquelas terras.

Com as histórias dos livros de literatura infantil também construímos novos conhecimentos. Lemos o livro *Menina Bonita do Laço de Fita* (Machado, 1997), e entendemos que todo mundo nasce com as características de sua família e que essas possuem diferentes origens e etnias.

O livro *O Menino Marrom*, em forma de novela de Ziraldo (1986), possibilitou a reflexão sobre a cor da pele. A lição fica por conta da caixinha de lápis de cor do desenhista, que deixa claro que não existe uma só cor de pele, mas sim várias cores diferentes.

Analisando as imagens de revistas despertou a atenção da turma o fato de haver poucos personagens negros nas revistas de moda e até mesmos nos gibis. A partir dessa constatação nos questionamos: Por que não conhecem um super-herói negro? Por que existem tão poucas crianças negras,

orientais ou ruivas nas fotos de moda infantil, se nas ruas as vemos com frequência? Após uma série de diálogos e debates, as crianças começaram a entender as relações de poder que determinam muitas coisas no nosso cotidiano. Somos cientes que estamos lançando sementes e, a medida que as crianças avançarem em seu grau de maturidade, poderão compreender essas questões ainda melhor.

Conhecemos as obras de arte da pintora modernista Tarsila do Amaral, que retratou por diversas vezes os negros



O grupo unido durante a realização do projeto

em seus quadros, como *Anjos* e *Morro da Favela*, obras essas características da fase cubista da artista. A leitura dessas obras possibilitou, além da reflexão acerca da temática, a descoberta de figuras geométricas e o quanto poderiam desenhar a partir delas. Esta última obra citada, assim como *Operários*, foi ponte para a discussão de temas como cidadania e valores que a sociedade atual adota.

Todos queriam viver numa fave-



la colorida como a de Tarsila, então, começamos a analisar e intervir no problema do lixo do bairro em que as crianças vivem.

Posteriormente, visitando artistas locais e conhecendo suas obras de arte, aprofundamos nossa apreciação e fazer artístico compreendendo que a arte pode ser um meio de expressão e de interação com a sociedade.

Observando mapas a turma descobriu onde estão localizados outros estados do Brasil e, juntamente com uma pesquisa familiar, localizaram os lugares de origem de seus antepassados, assim, houve a descoberta da diversidade de suas origens.

A roda de capoeira, por ser uma herança cultural do povo africano, foi realizada desde o início do projeto e eram os momentos mais prazerosos para as crianças. Elas tiveram contato com capoeiristas graduados, aprenderam ritmos, gingados e golpes, sempre orientados para a prática do esporte e não para a luta de rivalidade.

A empolgação da turma resultou na criação de um grito de guerra: *Viva a capoeira do bem!* A turma mostrava-se criativa e talentosa para criar versos e rimas. Com a brincadeira de rimar logo estaria nascendo duas músicas para as rodas de capoeira da turma: *ABC da Capoeira* e *Pamonha*.

O interesse permitiu que diversos temas fossem alinhavados por todo o período de desenvolvimento do projeto. Utilizávamos o laboratório de informática para registrar o que era realizado na sala por meio de jogos interativos, desenhos, montagens com

figuras geométricas e até mesmo pesquisas de receitas como de doces de amendoim, que, segundo descoberta da turma, é plantado tanto aqui como em Moçambique.

A turma adquiriu autonomia no desenvolvimento das atividades e, naturalmente, todos puderam contribuir com idéias e opiniões durante todo o processo. Todos realizavam avaliações sobre o próprio crescimento, e assim sentiam-se mais autoconfiante e até encorajadas a pesquisar.

As observações, pela professora, do crescimento, interesse e necessidades das crianças eram constantes, foi possível perceber cada pequeno avanço delas.

Havia muita vontade de realizar novas descobertas por parte dos meninos e meninas. O grande avanço, porém, se deu no terreno das atitudes. Atualmente, todos se sentem queridos por todos e quando acontecem disputas, trata-se de algo comum entre as crianças, como acontece em qualquer sala de atividades. As crianças não mais se referem a outras crianças da escola como se elas não tivessem um nome ou uma identidade, as diferenças são reconhecidas e respeitadas.

Aos poucos os pais foram constatando a mudança de atitude de suas crianças que, inclusive, passaram a influenciar as famílias.

A semente havia sido lançada!

Concluimos que valorizando a diversidade e atuando juntos somos mais fortes. Como diz a sabedoria popular: *nunca seremos tão fortes como quando estamos juntos.*



Referências bibliográficas

BERMOND, Monique. O pássaro da chuva. São Paulo: Ática, 1971.

FICHTNER, Bernd. Ensinar e aprender, um diálogo com o futuro: a abordagem de vygotskij. In: AZEVEDO, José Clóvis de, SANTOS, Edmilson Santos dos, SILVA, Luiz Heron da. Identidade social e a construção do conhecimento. Porto Alegre: Secretaria Municipal de educação de Porto Alegre/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997, p. 146-176.

FREITAG, Bárbara. Sociedade e consciência: um estudo piagetiano na favela e na escola. São Paulo: Cortez, 1984, p. 38-54.

MACHADO, Ana Maria. Menina bonita do laço de fita. São Paulo: Ática, 1997. 7. ed.

MOREIRA, Fernando. O RS Também É Negro. NH na escola. Jornal NH, ano XII, n. 24, 02 set 2000, p. 1.

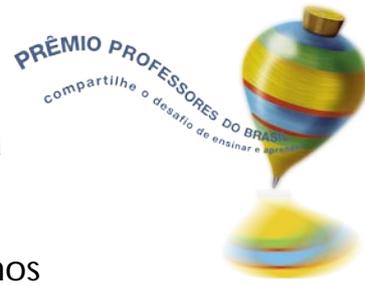
PINTO, Ziraldo Alves. O menino marrom. São Paulo: Melhoramentos, 1986, 32 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: MOREIRA, Antonio Flávio, SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG.). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 184-202.



Dados de Identificação**Título:** Negro que te quero ser negro**Professora:** Valmária Martins da Silva**Co-autora:** Marizeth Ribeiro da Costa de Miranda

Escola Classe 16 do Gama

Município/UF: Gama/DF**Faixa etária atendida pela experiência:** 6 a 14 anos

Negro que te quero ser negro

O trabalho aqui relatado teve início em 2003 e está em andamento até o presente momento. Participaram das atividades, inicialmente, 58 crianças, na faixa etária de 6 a 8 anos, mediados pelas professoras responsáveis, sendo que, posteriormente, os outros professores, sensibilizados, passaram também a defender esta causa, totalizando, assim, aproximadamente, 502 alunos, na faixa etária de 06 a 14 anos, matriculados no ensino Fundamental I.

O caminho que estamos trilhando tem sido sempre alicerçado com estudos, pois estamos, a todo momento, desconstruindo, reconstruindo e ajudando a construir novas histórias: de cada aluno, em particular, e a história da humanidade de forma geral, principalmente daqueles que tiveram e ainda têm sua cultura mascarada, negada. Nossa sala de aula é um universo riquíssimo, pois nela estamos em contato direto com a diversidade. Basta olharmos para cada rosto e logo

vislumbramos muitas possibilidades de educação.

Nossa experiência se desenvolve na ESCOLA CLASSE 16 DO GAMA, uma escola urbana, porém, localizada na periferia. A maioria dos alunos, desde cedo, conhece o que é ser discriminado. A maior parte das nossas crianças é negra. Elas são oriundas de famílias com baixo poder aquisitivo e também temos alguns alunos com necessidades especiais de aprendizagem. Muitos pais não chegaram a concluir o Ensino Fundamental. Existem alguns que nunca frequentaram uma escola. As profissões predominantes na nossa comunidade são: doméstica, vendedor ambulante, auxiliar de serviços gerais e auxiliar da construção civil. Nem todos os pais trabalham e alguns estão desempregados.

Porque conhecemos bem o contexto de vida das crianças trabalhamos tendo como prisma o cuidar, o educar, a esperança e o afeto – iluminados pelo conhecimento, nos dão a convicção de



que poderemos sonhar com novos horizontes para nossos alunos.

A força propulsora deste trabalho foi o fato de que, a cada dia, a luta contra o preconceito, a dominação e a opressão racial necessitem de maior quantidade de mãos unidas para que os fatos sejam contados do ponto de vista dos oprimidos: os negros, uma vez falseados e escondidos pela história descrita por vários autores, visto que um povo que desconhece sua história perde a própria identidade.

Percebemos que a maioria das crianças que apresentava distúrbios de comportamento e baixo rendimento escolar era negra ou afro-descendente. Isso nos comoveu e nos moveu a uma busca detalhada das causas de tais aspectos apresentados.

É por intermédio do outro que a criança aprenderá a interpretar o mundo físico, social e cultural em que está inserida. Portanto, os encaminhamentos propostos deverão, conseqüentemente, ter em conta as necessidades específicas dos sujeitos envolvidos, percebendo que seu acolhimento constitui parte substantiva das ações a serem encaminhadas e nas quais se inclui o desenvolvimento das práticas pedagógicas.

Na instituição de ensino, o cuidado é essencial e será, portanto, numa rotina organizada por meio da divisão

paciente dos tempos disponíveis que se poderá assegurar a qualidade do cuidado e as aprendizagens que este possibilita.

É preciso que os professores e professoras observem atentos para que possam reconhecer as variações dos tempos individuais que marcam a singularidade de cada criança diante das respostas que produzem às solicitações do meio.

Atualmente, a situação do sistema educacional no Brasil é vergonhosa e calamitosa. Milhares de pessoas, principalmente crianças em idade pré-escolar, estão sem estudar e não têm nem perspectiva de acesso à escola. Isso

se dá, principalmente, pela

falta de recursos e de empenho político que fazem parte da história da nossa nação. (SANTOS, Pe. Anísio Ferreira dos).

As crianças da zona rural são obrigadas a trabalhar para sobreviver e na zona urbana não é diferente. Ou seja, nossas crianças têm que optar entre aprender a ler ou comer. Será que dá para ter dúvidas nessa escolha?

Para todas as crianças desprivilegiadas economicamente, essa situação é delicada, mas se for uma criança negra fica ainda mais difícil, pois essa é também a mais pobre entre as pobres, a mais marginalizada e que integra o grupo dos sem vez, sem voz e sem



voto, já que são crianças, ou seja, são e estão sem direitos. Enfim, fazem parte do grupo dos “NINGUÉNS” da sociedade brasileira.

Segundo o IBGE (2001), o negro, com renda em torno de 01 salário mínimo por família - que, normalmente, é numerosa - vive em condições subumanas e é o que mais sofre com o analfabetismo e a falta de condições para estudar.

A quantidade de negros que não vai ou nunca foi à escola é também enorme em relação aos brancos: dos negros que iniciam o Ensino Fundamental, apenas 1,1% conclui o Ensino Médio e, geralmente, com dificuldades e quebras, devido a períodos de evasão e reprovações.

Há também a questão social que dificulta o trabalho. Muitos pais não se dão conta da negação da sua raça imposta pela sociedade e que se reflete numa educação “embranquecedora”. A maioria das crianças não tem um referencial familiar que possa desenvolver suas potencialidades e qualidades próprias do ser negro e vai, assim, negando sua raça e sua própria existência.

Muitos foram os teóricos que serviram de embasamento para a construção deste projeto. Entre eles Wallon, Vygotsky, Joel Rufino dos Santos, Nilma Lino Gomes, Petronilha B. Gonçalves Silva, Anísio Ferreira dos Santos, Jacques D’adeskt, Kabenguele Munan-

ga, Selma Pantoja, Maria José Rocha e Ney Lopes, além de vários nomes consagrados da literatura infantil.

Os objetivos pretendidos com esse projeto foram: resgatar o autoconceito da criança negra construindo uma autoimagem positiva; resgatar a memória cultural do povo negro destacando as várias formas de preconceito e discriminação; refletir e questionar nossa posição na sociedade em relação à negritude; desenvolver uma consciência ética e crítica ampliando os horizontes não apenas para esclarecer e interpretar o mundo, mas para modificá-lo; destacar a beleza negra tanto cultural, quanto física..

Determinamos os objetivos acima porque percebemos que as crianças negras da nossa Unidade de Ensino apresentavam baixo rendimento escolar, o qual acreditamos estar relacionado ao baixo autoconceito e ao descrédito nas próprias potencialidades. Por isso, necessitam de resgate para garantir o sucesso não só acadêmico como o da formação humana em todas as dimensões.

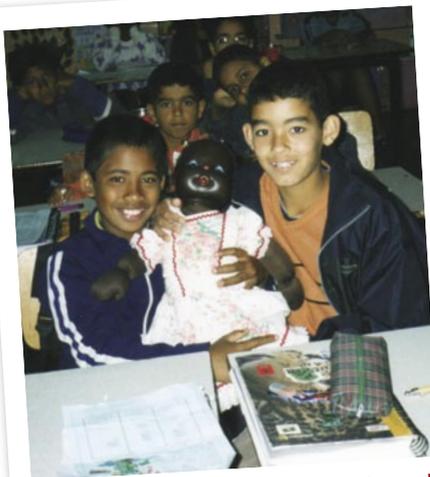
Para alcançar tais objetivos, diversos temas foram abordados de variadas formas, em muitas atividades realizadas. Dentre elas:

- Discussões e debates envolvendo os temas relacionados à valorização do negro na sociedade;
- dramatizações e produções de artes visuais;

A maioria das crianças não tem um referencial familiar que possa desenvolver suas potencialidades e qualidades próprias do ser negro



- atividades interdisciplinares utilizando músicas e livros de literatura infantil que valorizam a beleza negra;
- análise e interpretação de diversos textos;
- atividades sócioeducativas e culturais envolvendo os alunos, os professores e a comunidade de pais de alunos, apresentando outra versão da abolição segundo a visão do negro;
- estudo sobre a vida de Zumbi dos Palmares;
- “Recitafro”, interpretação, produção e declamação de poemas voltados para a temática de combate ao preconceito racial e resgate da história do negro contada do ponto de vista do negro;
- reflexão partindo de reportagens, relatos e novelas;
- análise de brinquedos que ressaltam ou maculam a figura do negro;
- análise e combate de piadas e provérbios que envolvem o negro de forma negativa;
- exploração e montagem de cartazes que valorizam o negro como membro da sociedade;



Na 3ª série, aprendendo, ensinando e conhecendo novos amigos

■ momento de socialização cultural através das diversas manifestações artísticas;

■ realização dos “Encontros Culturais da Beleza Negra da E.C. 16 do Gama”;

■ valorização de brinquedos que ressaltam a figura negra.

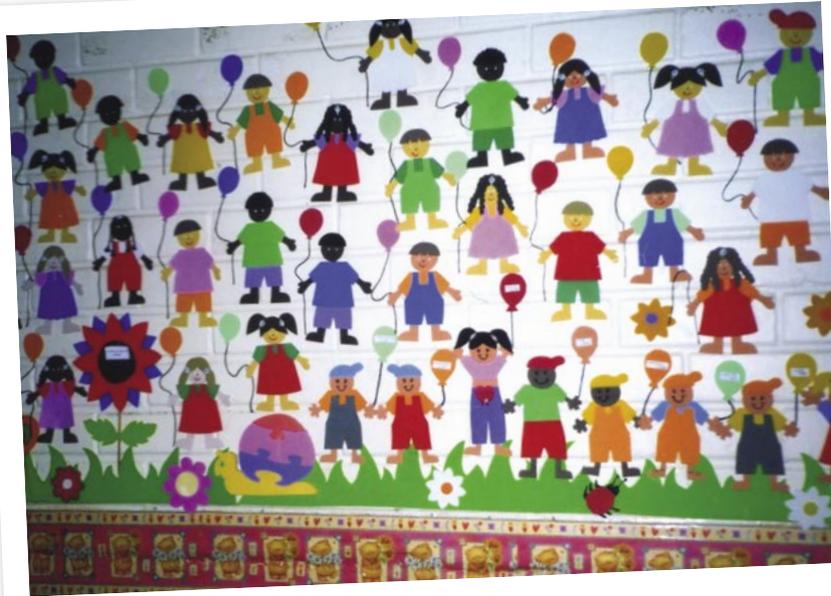
Através de Leila, uma boneca negra, considerada por alguns o “mascote” da Escola, procuramos penetrar o imaginário das crianças levando conceitos de respeito e valorização pelo que representamos enquanto seres humanos, ressaltando as qualidades e a beleza individuais inerentes a cada um.

Leila, que quer dizer **NEGRA COMO A NOITE**, é aluna de uma turma da 1ª série, participa de todas as atividades da escola e é muito querida pelas crianças que disputam sua companhia na hora do recreio. Quando a convite de outras turmas, ela também participa das aulas em outras séries.

Semanalmente, ela visita a casa das crianças com o objetivo de externar seu carinho e com sua presença estreitar, ainda mais, o elo entre a Escola e a família, fortalecendo, assim, nossa luta pelo fim da discriminação. Todas as suas atividades são registradas em um diário para que possam ser lidas e avaliadas por todos. Em 2004, como era da Educação Infantil, o registro era feito pelos pais, com ilustrações das crianças. Agora, na 1ª série, esse registro deve ser feito pelas próprias crianças, incentivando, assim a construção da leitura e da escrita.

Além do trabalho com alfabetização, as áreas de conhecimento envolvidas neste trabalho são: História, Artes, Ci-





Painel sobre as diversas etnias

ências Sociais, Língua Portuguesa e Geografia. Os conteúdos curriculares desenvolvidos foram leitura, interpretação, análise e produção de textos variados, orais e escritos, com criticidade e nas mais variadas formas de expressão, bem como sobre atos preconceituosos e discriminadores. A história do povo africano e afro-brasileiro na construção da cultura brasileira, sua diversidade racial, social e econômica; ações respeitadas que levam à formação de uma sociedade mais justa; heróis negros, suas lutas e as datas significativas para o povo negro tiveram destaque no projeto pela necessidade de recontar a história a partir do ponto de vista do negro.

Para desenvolver o trabalho contamos com a colaboração de artistas, líderes sindicais e militantes do movimento negro que somaram conhecimentos e recursos na tentativa de ampliar os horizontes e confirmar o sucesso.

Alguns objetivos foram alcançados e outros permanecem em processo de desenvolvimento. Quando falamos em resgate da história e recuperação dos valores culturais, artísticos e religiosos, percebemos que mudanças de comportamento e expressões de pensamentos comprovam o sucesso do nosso projeto.

Hoje, quando se pede para as crianças produzirem seu auto-retrato através de desenhos, podemos perceber uma certa fidelidade relacionada à cor da pele e ao estilo dos cabelos, não se vendo mais crianças negras se desenharem com a pele rosada e os cabelos amarelos. As crianças também apresentaram mudanças no visual, fato que comprova a auto-aceitação da descendência negra e a valorização da raça.

Para chegarmos a tais conclusões lançamos mão de observações constantes, da análise de produções escritas e artísticas das crianças, da participação e de-



poimento dos pais em reuniões e da troca de experiências entre os professores.

Uma das lições considerada relevante foi a certeza de que o preconceito está mais velado do que antes e que as pessoas se preocupam pouco com essa questão. Consideram-na superada, mas ainda há muito o que lutar contra ela.

Percebemos que, atualmente, a comunidade escolar vem demonstrando interesse e prazer em participar dos eventos especiais promovidos pela escola, tanto que, em todos os “Momentos de Cidadania”, os familiares fazem questão de marcar presença, prestigiando, colaborando e participando das apresentações.

Percebemos, também, a mudança de comportamento dos alunos: a expressão de sentimentos que antes se traduziam em negação da auto-aceitação e ironia, para sentimentos de respeito, auto-respeito, autoconfiança, alegria e solidariedade. Este sentimento de auto-aceitação foi percebido quando os alunos se descreveram oralmente ou através de desenhos. Os segmentos que também compõem a comunidade escolar (funcionários e familiares) mudaram sua postura em relação ao debate, influenciando sua prática e suas relações dentro e fora da escola.

A verdadeira História do Brasil será contada por nossos alunos. Por isso, vale a pena problematizá-la desde a

Educação Infantil até o Ensino Médio. Em nossas salas de aula, procuramos explorar com os alunos as mais diversas situações sociais e políticas mostradas nos noticiários para, juntos, construirmos uma sociedade mais ética e consciente dos seus direitos e deveres.

Nessa perspectiva é que desenvolvemos um projeto de resgate do autoconceito da criança negra para que esta passe a atuar de forma produtiva na sociedade, refletindo na escola de forma positiva, pois constatamos que o que falta no processo de construção de novos conhecimentos para essas crianças é a autoconfiança que dê a certeza de que são capazes de aprender.

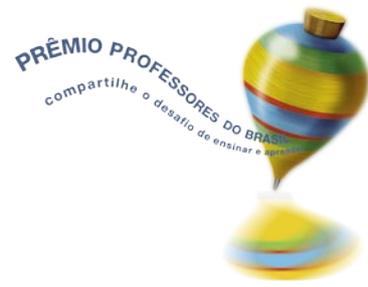
Ao revivermos cada etapa do que já realizamos, ficamos ainda mais convictas de que estamos caminhando na direção certa e de que as atividades que realizamos, se propagadas, serão como luz para os caminhos daqueles que pretendem desenvolver um trabalho sério, voltado às questões raciais.

Sabemos que ainda temos um longo caminho a percorrer e que podemos aperfeiçoar nosso trabalho. Para isso, continuaremos fazendo cursos, lendo obras que possam nos ajudar, participando de grupos de estudo, congressos e fóruns, trocando experiências com outros professores e compartilhando nossas idéias e sentimentos.



Dados de identificação**Título:** Pregoeiros: conhecendo um pouco dessa história**Professora:** Maria do Perpétuo Socorro Costa Pereira

Escola Centro de Educação Básica Paulo Freire

Município/ UF: São Luís/MA**Faixa etária atendida pela experiência:** 6 anos

Pregoeiros: conhecendo um pouco dessa história

O projeto *Pregoeiros: conhecendo um pouco dessa história* foi desenvolvido com uma turma de 25 crianças de 6 anos, mas envolveu toda a comunidade do Centro de Educação Básica Paulo Freire, instituição que pertence à Rede Municipal de Ensino de São Luís e que atende a um total de 660 crianças, na faixa etária de 3 a 6 anos.

A escola possui uma excelente estrutura física e vivencia uma gestão democrática que se expressa, entre outros, pela participação da comunidade na definição dos seus rumos e pela valorização da formação permanente de seus profissionais, sendo que temos a oportunidade de estudar, discutir, planejar e replanejar coletivamente nossas ações educativas.

A instituição está localizada na periferia da cidade de São Luís (MA), no bairro da Liberdade, é formada por famílias de baixo poder econômico que, em grande parte, garantem a sobrevi-

vência à custa de trabalhos informais. É uma comunidade rica em manifestações culturais, mas que apresenta baixos indicadores sociais e altos índices de violência, o que nos mobiliza a estar realizando constantemente atividades de intervenção nesta problemática.

Foi nesse contexto que tivemos a ousadia de vivenciar, de forma enriquecedora, o projeto aqui apresentado que teve como ponto de partida as curiosidades, as inquietações e idéias apresentadas pelas crianças a respeito da forma de ser, viver e trabalhar dos pregoeiros.

Os pregoeiros são trabalhadores ambulantes que utilizam versos e cânticos engraçados, poéticos e criativos, conhecidos como pregões, para anunciarem os produtos que vendem pelas ruas da cidade. Eles fazem parte do contexto das crianças, alguns como membros de suas famílias, já que existem pais que sobrevivem dessa pro-



fissão, outros, como vendedores que transitam diariamente pelas ruas do bairro da Liberdade, cantando seus pregões para chamar os fregueses e, nesse movimento, encantam, instigam e despertam a curiosidade, principalmente nas crianças.

Esses trabalhadores ocupam um lugar especial na vida dessas crianças. Era visível a alegria e o entusiasmo dos meninos e meninas quando passava um pregoeiro, poetizando e cantando seus produtos nos arredores da instituição. Tornou-se comum eles os imitarem, principalmente na hora do recreio, simulando seus gestos e gritando seus pregões com euforia e compenetração. O interesse e a curiosidade sobre a história desses homens e mulheres, simples e comuns, que dizem versos tão encantadores, se revelavam, também, nas indagações, sempre tão presentes no grupo: “Professora, porque eles anunciam seus produtos dessa forma? quem lhes ensina esses versos que dizem? onde arrumam os produtos que vendem?”

Eram tantas as perguntas que não poderíamos deixar de descobrir, juntos, as respostas.

Ao lado de tantas curiosidades, era possível identificar também a dificuldade que essas crianças apresentavam em participarem de atividades colaborativas, bem como, a pouca intimidade

que tinham com o uso da língua escrita em situações sociais concretas.

As crianças explicitavam saberes sobre os pregoeiros, construídos nas experiências de seu cotidiano, e, ao mesmo tempo, manifestavam necessidade de ampliar esses saberes. Elas já dominavam na forma oral muitos textos de pregões, os quais poderiam

ser utilizados em atividades didáticas que lhes favorecessem a reflexão sobre o sistema de escrita e a construção de procedimentos viáveis à alfabetização e letramento.

Havia nesse contexto o anúncio do que poderia e deveria ser realizado. Conhecer as vivências, as necessidades e interesses das crianças foi

fundamental para o desenvolvimento do projeto, pois ao considerarmos as idéias, os conhecimentos e as representações que as crianças já possuem sobre um objeto de estudo, garantimos que se efetive uma aprendizagem significativa acerca do mesmo.

Movidos por essas questões decidimos implementar o projeto objetivando proporcionar às crianças o desenvolvimento das habilidades de investigação, leitura e escrita e atitudes de valorização e respeito pela cultura da comunidade da qual fazem parte. Em síntese, decidimos transformar nossa sala de atividades em um ambiente de letramento, atendendo a

As crianças explicitavam saberes sobre os pregoeiros, construídos nas experiências de seu cotidiano, e, ao mesmo tempo, manifestavam necessidade de ampliar esses saberes



um duplo desafio: resgatar a história dos pregoeiros e potencializar, nesse movimento, a formação de sujeitos leitores e escritores.

A transformação da sala de atividades em um ambiente alfabetizador implica, como afirma Telma Weiz (1992), expor as crianças às práticas de leitura e escrita, oportunizando-lhes participar de situações em que a leitura e a escrita tenham uma intencionalidade definida, ou seja, trabalhar com textos variados e de diferentes gêneros, adequados as crianças, considerando suas características e funções. E isso se torna mais urgente, principalmente em um contexto como o nosso, em que as crianças provêm de espaços familiares em que os atos de ler e escrever com funcionalidade estão pouco presentes.

O projeto comportou três grandes etapas (apresentação da idéia, desenvolvimento e culminância), organizadas numa seqüência lógica, que favoreceu o tratamento transversal dos assuntos, através de metodologias que priorizaram a pesquisa, a resolução de problemas e a ação colaborativa, como vias necessárias ao alcance dos objetivos a que estávamos nos propondo.



Crianças vendendo roletes de cana aos colegas das outras salas

Inicialmente, foi apresentada a idéia do projeto às crianças e às suas famílias, pois compartilhamos com Zabala (1998) a idéia de que para as pessoas encontrarem sentido no que irão realizar, é necessário que saibam previamente o que têm a fazer, a que objetivos perseguem e que passos serão seguidos.

Para introduzir a proposta de trabalho, foi realizado um levantamento junto as crianças sobre o que já sabiam sobre estes trabalhadores e, então, foi construído um grande painel com as gravuras e as letras dos pregões, cantados pelos pregoeiros.

Ficou definido, que a culminância dos trabalhos se materializaria na



produção de um livro, com o título *Fragmentos da Arte de Pregoar*, que seria lançado em uma grande festa com a comunidade, onde os meninos e as meninas da turma seriam os autores e atores principais.

Apresentamos a intenção do trabalho aos pais, acertamos a parceria e combinamos que nos comunicaríamos através de contatos diretos e de bilhetes, que as crianças levariam.

Definido o caminho, iniciamos o desenvolvimento do projeto. Em um primeiro momento, as crianças pesquisaram, escutaram e leram textos informativos sobre a vida dos pregoeiros, retirados de diferentes portadores textuais, dentre eles, o livro *Pregões de São Luís* de Antônio Vieira e Lopes Bógéa. Ao interagirem com esses materiais e durante os momentos de troca de idéias com os seus pares, as crianças se apropriavam da linguagem utilizada nos textos escritos e, ao mesmo tempo, aprendiam a pesquisar, selecionando informações relevantes, que serviram de base para a elaboração de um texto do gênero *Curiosidades*, que fez parte do livro.

Em seguida, realizamos o estudo dos pregões que as crianças já sabiam de memória e selecionamos outros, que foram enviados pelos pais. Pelo fato de serem textos presentes no cotidiano da turma, as atividades desenvolvidas foram muito produtivas, inclusive, produziu-se alguns pregões.

Fundamentadas nas concepções de Emília Ferreiro (1985), que afirma que, para haver aprendizagem sobre a escrita é necessário pensar sobre o que

ela representa, e sabendo que ela representa, graficamente, a linguagem, não tivemos receio de organizar algumas situações didáticas, onde os alunos foram desafiados a ler e escrever, mesmo que não os fizessem convencionalmente. A organização das crianças em grupos, de acordo com os critérios de agrupamentos produtivos, foi imprescindível, o que lhes possibilitou avançar nos níveis da escrita, aumentar a confiança em si e fortalecer os vínculos de amizade na turma.

Dando continuidade ao projeto, realizamos uma pesquisa através do contato com a memória viva, ou seja, o próprio pregoeiro. Os textos dos convites para as entrevistas com os pregoeiros foram elaborados coletivamente. Durante as entrevistas as crianças que estavam no papel de entrevistadores, escolhidos pelos próprios pares, revelaram os conhecimentos que haviam construído sobre o uso da língua oral em um contexto comunicativo específico. Foram momentos enriquecedores que contribuíram para estreitar nossos laços com a comunidade, desenvolver habilidades de investigação, bem como, atitudes de valorização e respeito por esses trabalhadores.

Fizemos também, uma visita à Casa de Cultura Nhozinho para apreciação das obras de artes sobre os pregoeiros. Esse momento foi fundamental para garantir a ampliação dos conhecimentos, valorização do patrimônio cultural e o desenvolvimento da sensibilidade, imaginação e expressão criadora das crianças.



JORNAL DOS PREGOEIROS

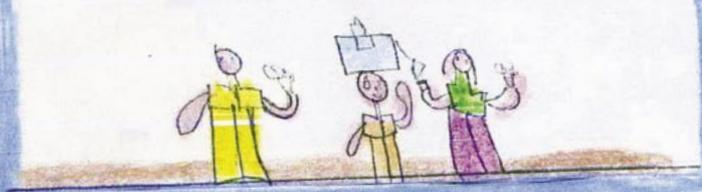
Nº 1 - SÃO LUÍS-MA - MAIO/2004
 PREÇO: R\$ 0,20

FUNDADORES: ALUNOS DO 3º PERÍODO-C
 RESPONSÁVEL: PROFª SOCORRO PEREIRA

ALUNOS VISITAM CASA DE CULTURA

EM BUSCA DE AMPLIAR CONHECIMENTOS EM TORNO DA HISTÓRIA DE VIDA DOS PREGOEIROS, ELES COMENTAM SOBRE O PASSEIO

FUI VISITAR A CASA DE NHOZINHOS MUITA COISA BONITA, ACHEI MUITO IMPORTANTE OS PREGOEIROS QUE EU OLHEI. BRUNO - 07 ANOS



Eu gostei de ver o JORNALERO



Eu gostei muito do passeio na casa de cultura NHOZINHO, achei os Pregoeiros, aprendi muita coisa sobre a vida deles. Patrícia - 06 Anos

A confecção do jornal teve a participação de crianças e professora



No decorrer dessas diferentes atividades, elaboramos o jornal mural do projeto, bem como, um jornal de circulação externa, para que a comunidade acompanhasse o trajeto que estávamos percorrendo. De forma coletiva, discutimos os assuntos das matérias a serem publicadas, escrevemos os textos, definimos a melhor disposição dos mesmos no papel, enfim, vivenciamos um intenso processo de negociação e construção, que contribuiu para potencializar, progressivamente, nas crianças, a autonomia, a compreensão e a valorização da escrita como um objeto social.

Com tantas coisas realizadas, começamos a organização da etapa final do projeto, qual seja, o lançamento do livro e a vivência do papel de pregoeiros, demonstrando o que haviam aprendido sobre a arte de pregoar. Foi uma fase muito intensa.

Para a organização final do livro, elaboramos a dedicatória, a epígrafe, a lista de autores, selecionamos os textos, dentre os já elaborados, fizemos as ilustrações e o montamos.

As crianças participaram ativamente, também, da elaboração da apresentação do projeto à comunidade, elas escolheram os pregoes a serem gritados, quem seriam os pregoeiros, quem apresentaria a programação e o que seria focado pelo apresentador. Foi um verdadeiro exercício de organização e de democracia.

Realizamos ainda, nessa fase, uma grande oficina com a participação dos pais, onde foram construídos os figurinos e organizados os painéis para a exposição do grande dia.

Finalmente, chegamos ao momento da culminância. A comunidade envolvida compareceu em peso. Quanta emoção! As crianças não cabiam em si de tanta alegria e compenetração. O momento do lançamento do livro *Fragmentos da Arte de Pregoar*, com o relato do apresentador, colega da turma, sobre o caminho percorrido e o sentido que este livro representava para eles, foi emocionante. A apresentação das crianças, representando os pregoeiros, foi maravilhosa. Os pregoeiros, que prestigiaram o evento, ficaram encantados com o sentimento de carinho e respeito que as crianças demonstraram ter por eles.

Um dos pregoeiros presentes, o senhor Antônio (vendedor de pamonha), foi comovente. Ele relatou que pela primeira vez, nos seus sessenta e dois anos de vida, estava pisando em uma sala de aula e que nunca havia imaginado que um dia poderia tornar-se importante para uma escola. Foram momentos que misturaram alegria, reconhecimento e agradecimento. Estávamos orgulhosos por tudo que tínhamos construído e celebramos todos juntos, pois o momento era de vitória.

Por tudo isso, que vivenciamos e construímos, é possível afirmar que os objetivos delineados inicialmente foram alcançados.

As observações permanentes e os registros reflexivos foram as formas utilizadas para acompanhar a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes por parte das crianças. Foi possível constatar, no desenvolvimento das atividades, que os meninos e as meninas



construíram, gradativamente, competências referentes à leitura e escrita, atitudes de valorização das pessoas com as quais convivem e, sobretudo, aprenderam a estabelecer relações presididas pelo respeito, diálogo, responsabilidade, confiança e autonomia.

Sem dúvida, o estudo sobre os pregoeiros, foi uma experiência maravilhosa, mediada pela convicção de que,

a construção de uma escola pública séria, criativa e feliz é um projeto que não pode ser mais adiado. Por essa razão que podemos afirmar que essa experiência não foi o começo, como também não será o fim, pois enquanto houver meninos e meninas para aprenderem conosco, continuaremos ousando e acreditando que é possível semear sonhos e concretizar os projetos sonhados.

Referências bibliográficas

FERREIRO, E., PALÁCIO, M.G. Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE., Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

GERALDI, J. W. O texto na sala de aula: leitura e produção. Cascavel: Assoeste Ed. Educativa, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, monteserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MEC/ SEF, Parâmetros em Ação, 1999.

RAYOL, Silvana. Pregões de São Luís.< www.cmfolclore.ufma.br>acesso maio/2004.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.



TEBEROSKY, Ana. Aprendendo a escrever. São Paulo: Ática, 1994.

TEBEROSKY, Ana, COLOMER, Teresa. Aprender a ler e a escrever. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIEIRA, Antônio; BOGÉIA, Lopez. Pregões de São Luís. São Luís: Editora Lithograf, 1999.

VIGOSTSKY, L. V. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____ História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Habana: Editorial Científico Técnico, 1987.

WALLON, H. As origens do caráter na criança. São Paulo: Manole, 1989.

WEIZ, Telma. Por trás das letras. São Paulo: FDE, 1992.

ZABALA, Antoni. A Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

